

ANDRAGOGIA DE JESUS

A Metodologia de Ensino que Transformou o Processo Educativo

"... E nada lhes falava sem parábolas".
Evangelho de Mateus 13.3

Gleyds Domingues

Prefácio Drª Kátia Silva Cunha

SANTOS



ANDRAGOGIA DE JESUS

A Metodologia de Ensino que Transformou o Processo Educativo

"... E nada lhes falava sem parábolas".
Evangelho de Mateus 13.3

Gleyds Domingues

Prefácio Drª Kátia Silva Cunha

SANTOS

Copyright©2016 por Gleyds Silva Domingues

Todos os direitos reservados por:

A.D. SANTOS EDITORA

Al. Júlia da Costa, 215

80410-070

Curitiba – Paraná – Brasil

+55(41)3207-8585

www.adsantos.com.br

editora@adsantos.com.br

Capa: Rogério Proença

Diagramação de epub: Editora Emanuel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Domingues, Gleyds Silva

Andragogia de Jesus – Ensinar e Aprender / Gleyds Silva Domingues – Curitiba: A.D. SANTOS EDITORA, 2016.

ISBN – 978.85.7459-386-9

CDD – 371.33 1. Educação 2. Inovações Educacionais

CDD 262-1 1. Igreja 2. Liderança Cristã 3. Eclesiologia

1ª edição de epub: Junho de 2016

Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios a não ser em citações breves, com indicação da fonte.

Edição e Distribuição:



Sumário

Capa

Página de créditos

Sumário

Dedicatória

Prefácio

Introdução

Capítulo 1

APRENDIZAGENS A SEREM DESENVOLVIDAS

Capítulo 2

O PROCESSO EDUCATIVO: O SENTIDO DO ENSINAR E DO APRENDER

Capítulo 3

O MESTRE SEM IGUAL

Capítulo 4

O MÉTODO DE ENSINO

Capítulo 5

AÇÃO E PRÁTICA EDUCATIVAS

Capítulo 6

NÍVEIS DE APRENDIZAGEM

Capítulo 7

O QUE APRENDEMOS COM OS NÍVEIS DE APRENDIZAGEM?

Capítulo 8

PALAVRAS CONCLUSIVAS, MAS NÃO FINAIS

Referências

Notas

Dedicatória

A Deus, toda a honra e glória!

À família, base de toda educação.

A todos aqueles que se dedicam à arte de ensinar.

“Creio tanto no ensino que, se necessário fosse, pagaria pelo privilégio de ser mestre em vez de receber algo por ensinar.”

George H. Palmer

Prefácio

Andragogia de Jesus nos convida a compreender como se organiza o trabalho com o conhecimento no espaço das salas de aula e da Escola bíblica, e para tal tece considerações acerca da aprendizagem e do ensino. Neste sentido, convoca professores e professoras, especialmente os da Escola Bíblica a mergulharem no campo da Ensinagem sem perder de vista o olhar atento aos ensinamentos do Grande Mestre.

Uma aprendizagem não se reduz a uma apreensão da informação, veiculada pelo professor através da apresentação de um modelo, mesmo que o mesmo possa facilitar a elaboração da resposta do aluno aos conteúdos que estão sendo trabalhados. A aprendizagem exige/estabelece a importância da resposta do aluno à situação e além disso uma compreensão que encaminhe a formação de conceitos por parte do aluno, conforme diz Berbaum.

Nesse sentido, “adquirir saber permite assegurar um certo domínio do mundo no qual se vive, comunicar-se com outros seres e partilhar o mundo com eles, viver certas experiências”. Dessa forma, o trabalho realizado pela e durante a Escola Bíblica, precisa considerar que o espaço das salas de aula é o lugar privilegiado de construção de significados e de experiências, isso indica que os conhecimentos trabalhados devem ser significantes para que os alunos possam assimilá-los.

A aprendizagem precisa ser de fato significativa atendendo as expectativas, as referências, as relações com os outros e com o mundo, logo não se trata de simples transmissão de conhecimentos, conceitos, mas

um espaço de relação. Cabe à Escola Bíblica proporcionar um trabalho de compreensão, explicação e sistematização dos conceitos e conteúdos, auxiliando cada vez mais a interpretação e apropriação das verdades bíblicas que alicerçam a fé e vida.

Acredito e oro para que os ensinamentos, aqui, compartilhados possibilitem aos professores e professoras da Escola Bíblica, o desenvolvimento de um trabalho sólido e significativo.

Dra. Kátia Silva Cunha – Caruaru

Introdução

Acredito que alguma vez em sua vida você tenha ouvido falar das histórias que Jesus contava para ensinar às pessoas. Essas histórias, chamadas de parábolas, continham princípios valiosos que deveriam ser aplicados à vida.

Jesus lhes ensinou muitas coisas por meio de parábolas.

Ele dizia: – Certo homem saiu para semear. Enquanto semeava, uma parte das sementes caiu à beira do caminho e os pássaros vieram e as comeram. Outra parte caiu no meio de pedras, onde havia pouca terra. Essas sementes brotaram depressa pois a terra não era funda, mas, quando o sol apareceu, elas secaram, pois não tinham raízes. Outra parte das sementes caiu no meio de espinhos, os quais cresceram e as sufocaram. Uma outra parte ainda caiu em terra boa e deu frutos, produzindo 30, 60 e até mesmo 100 vezes mais do que tinha sido plantado. Quem pode ouvir, ouça.

Mateus 13.3-8

Jesus além de um excelente contador de histórias era também um grande Mestre. Ele exercia a arte do ensino com desenvoltura, criatividade e muita responsabilidade. Assim, compartilhar sobre a metodologia de ensino de Jesus com você é um privilégio ímpar. Isso porque, sua metodologia pode ser definida como completa, significativa e, sobretudo, relacional.

Ao ler sobre a parábola do semeador é possível ilustrar uma quantidade expressiva de aplicações práticas para a vida e para os relacionamentos a serem construídos. A parábola do semeador ajuda a compreender que a sua ação influenciará no processo de semeadura, implicando no resultado a ser alcançado.

Diante disso, pense neste livro como uma semente que ao ser semeada em terra fértil poderá produzir muitos frutos. O resultado da semeadura dependerá de como cada um aplicará os princípios na vida, principalmente se esta aplicação ocorrer no âmbito educacional. Afinal, é neste âmbito que você se tornará responsável pelo processo formativo de homens e mulheres.

Sendo assim, nossa proposta é apresentar, de uma forma mais didática, os dois elementos do processo educativo que dão sentido à formação humana: o ensino e a aprendizagem, visto que são considerados os elementos básicos de um processo indissociável, que se completa na proposta de formação do ser humano a ser perseguida.

O processo educativo, então, busca refletir o sentido a ser dado ao ensino-aprendizagem, a partir de uma perspectiva significativa. Para isso, estes elementos delineiam uma visão do ser humano na ação de aprendente. Essa visão pauta-se na ideia do sujeito comprometido, que busca a emancipação da sua realidade histórica, política, espiritual e social.

No contexto da educação bíblica cristã, a visão que se tem do sujeito aprendente torna-se mais abrangente possível, visto que além das dimensões física, cognitiva e afetiva, ainda, enfatiza-se a espiritual, por

ser ela aquela que conecta o sujeito aprendente a Deus, pois é ele um ser criado e que se completa na relação estabelecida com o Criador.

A educação cristã a ser enfatizada, aqui, pressupõe caminhos que despertem o sujeito aprendente para o desenvolvimento de sua missão, visão e ação, por ser uma proposta que visa aquele que aprende, projeta, discute, realiza, introjeta, redefine e constrói valores e verdades assumidas e legitimadas no seu contexto de vida.

Cabe, então, à Igreja, como agência formadora, atribuir ao ensino e a aprendizagem o papel de fomentadores do conhecimento, tendo como ferramenta básica, porém não única, a Escola Bíblica, a qual deve oportunizar práticas e vivências inter-relacionadas com a vida e com os problemas do cotidiano.

Para tal finalidade é que a proposta educacional a ser perseguida desenvolve um currículo baseado em princípios, os quais devem fazer a relação entre o saber, o aprender e o fazer. Para isso, o educador cristão utiliza leituras e exemplos que podem ser encontrados e mediados na verdade revelada.

Nesta iniciativa, faz-se necessário lançar mão da contextualização e da aplicação da verdade revelada na resolução de conflitos e na aquisição de novas aprendizagens. Nisto reside o propósito maior do estudo bíblico, o qual resgata a conexão a ser considerada entre a revelação divina e o ser humano, na forma como a realidade se apresenta e é pensada, tendo como objetivo aproximar o infinito do finito, o desconhecido do conhecido, o eterno do factual.

A perspectiva do ensino e da aprendizagem a ser assumida parte da necessidade de desvelar os signos e dar sentido à fé cristã, por isso compete ao educador cristão viabilizar uma proposta educativa, que crie pontes, desafios e inove a forma de apresentar a verdade revelada, bem como os seus valores.

A meta do educador cristão é compartilhar com os diferentes e seus pares os princípios da verdade revelada, em prol de uma educação significativa, participativa, envolvente e reflexiva, fazendo cumprir o que já está escrito na Bíblia: “Se o seu dom é ensinar, que haja dedicação”, pois “a educação é a sua vida”. Afinal, “as pessoas aprendem umas com as outras, assim como ferro afia o próprio ferro”.

Neste propósito, o objetivo aqui delineado trabalha a partir do ensino apresentado por Jesus, isto é, a forma como ele ministrava e conduzia seus ouvintes adultos, daí o termo Andragogia, a uma aprendizagem significativa, pois o seu ensino ia além da audição e memorização, antes era necessário desenvolver a reflexão e compreensão.

Nesse caminho, é preciso, então, descortinar tanto o processo quanto a ação educativa, à medida que a proposta educativa visa contemplar e aplicar princípios que assegurem o desenvolvimento e a formação cristã almejada, a qual pode ser percebida na construção e significação dos conceitos, dos valores éticos e da prática cristã, os quais objetivam conduzir o ser humano à certeza da fé e do relacionamento íntimo a ser mantido com Deus.

A presente obra foi estruturada na perspectiva de abordagens do processo educativo. Essas abordagens têm o caráter de dar ao leitor uma visão

integrada do ensino e da aprendizagem e como esta pode auxiliar na forma como será aplicada ao ensino cristão.

Vislumbram-se novas possibilidades para o ensino e a aprendizagem, uma vez que um não sobrepõe ao outro e é nessa ação que os conceitos que fundamentam este processo são discutidos.

Espero que você aproveite esta leitura no seu ministério. Nasce, aqui, um grande desafio! E porque não dizer, seja bem-vindo à aventura do ensinar e do aprender. Então, mãos à obra no processo de tessitura dos fios do conhecimento constantes na verdade revelada.

Que Deus mesmo possa completar a obra.

Amém!

Capítulo 1

APRENDIZAGENS A SEREM DESENVOLVIDAS

Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha;

E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha.

E aquele que ouve estas minhas palavras, e não as cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia;

E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda.

Mateus 7.24-27

A parábola dos dois alicerces contada por Jesus sinaliza para uma vida pautada em escolhas, que envolvem alternativas. As alternativas podem conduzir ao erro ou ao acerto, porém não se deve esquecer que o erro no contexto educativo é considerado como um elemento que poderá provocar novas aprendizagens. Isso indica que os erros fazem parte da vida do ser humano. Muitas vezes aprenderemos a partir deles, mas isto não significa que devemos reforçá-los, mas, sim, superá-los.

O erro no contexto educativo torna-se um passo para gerar a reflexão, que demanda novo posicionamento frente ao objeto a ser conhecido. De um modo prático, isto quer dizer que quando erramos, lembramos, quase que instantaneamente, sobre o erro. O processo de lembrar possibilita que não pratiquemos a ação pela segunda vez, pois aprendemos com a experiência que não teremos êxito naquele caminho escolhido. Assim, escolhemos agir de outra maneira, com o intuito de alcançar o resultado satisfatório.

Jesus demonstra com esta parábola que na vida cristã, a chave para uma escolha acertada parte da nossa capacidade de escutar e praticar seus ensinos, e é isso que gera novas aprendizagens e novas descobertas. Ele nos indica um caminho de escolhas acertadas, a partir de uma decisão a ser manifesta em nossas atitudes. Afinal, é esta atitude que se espera de um verdadeiro discípulo.

Ser discípulo de Jesus é seguir os seus ensinos. É estar aberto para ouvir com coração a sua voz e obedecê-la. E isso não significa doutrinamento, mas um processo significativo que envolve a formação integral do ser humano, sendo esta a intenção da prática educativa a ser perseguida por cada educador no âmbito educacional.

Na leitura deste livro, espera-se que algumas aprendizagens sejam desenvolvidas, a fim de que o trabalho educativo a ser efetivado por você possa ser relevante no processo de formação de verdadeiros discípulos. Estas aprendizagens são essenciais para o bom desenvolvimento de uma prática pedagógica significativa. Neste sentido, a proposta contida é que você possa:

• Refletir sobre o processo ensino-aprendizagem efetivado na Escola Bíblica, encontrando novos caminhos para uma abordagem mais dinâmica, significativa e democrática.

• Perceber-se como parte indispensável na construção do conhecimento dos sujeitos aprendentes.

• Desenvolver metodologias criativas que agucem o espírito crítico dos sujeitos aprendentes e que oportunizem a aplicação do ensino à vida.

• Estimular a necessidade de integração do ensino com o contexto vivido, por meio da criatividade, da ludicidade e da imaginação.

• Aplicar a metodologia de Jesus no ensino direcionado aos adultos, isto é uma metodologia andragógica.

A questão que se busca responder parte da seguinte inquietação: como é possível trabalhar de forma crítica, reflexiva e contextualizada na Escola Bíblica, a partir da perspectiva do ensino de Jesus, com o intuito de ser um canal de instrumentalidade da verdade revelada?

A questão levantada busca, então, refletir sobre a forma de impactar vidas por meio do ato educativo presente no processo ensino e aprendizagem. O ensino, então, é o ponto de partida que deve resultar na aprendizagem. Afinal, a finalidade maior do ensino sempre será a aprendizagem.

Ao final da leitura, espera-se que você possa ter subsídios necessários para responder a esta questão levantada e ainda possa aplicar estes subsídios no contexto de sua prática de ensino. Este é o meu desejo e propósito.

Vamos à leitura?!

APLICAÇÃO PRÁTICA

Encontre maneira de evitar os erros no contexto educativo. Reflita sobre suas atividades em sala de aula e em seu dia a dia. Quando trazemos à memória os erros cometidos evitamos reincidir nos mesmos. Ser discípulo de Jesus é seguir os seus ensinos. Como você vai fazer isso hoje?

Capítulo 2

O PROCESSO EDUCATIVO: O SENTIDO DO ENSINAR E DO APRENDER

Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; e porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem.

Mateus 7.13,14

O processo educativo a ser perseguido por cada aprendente deve funcionar como um filtro, na medida em que o aprendente seleciona o caminho a ser trilhado, tal qual o ensino apresentado por Jesus na parábola dos dois caminhos. Nesta parábola, o destino final de cada um é desenhado por um ato de decisão efetivada pelo próprio sujeito e que revela o sentido da vida por ele escolhido.

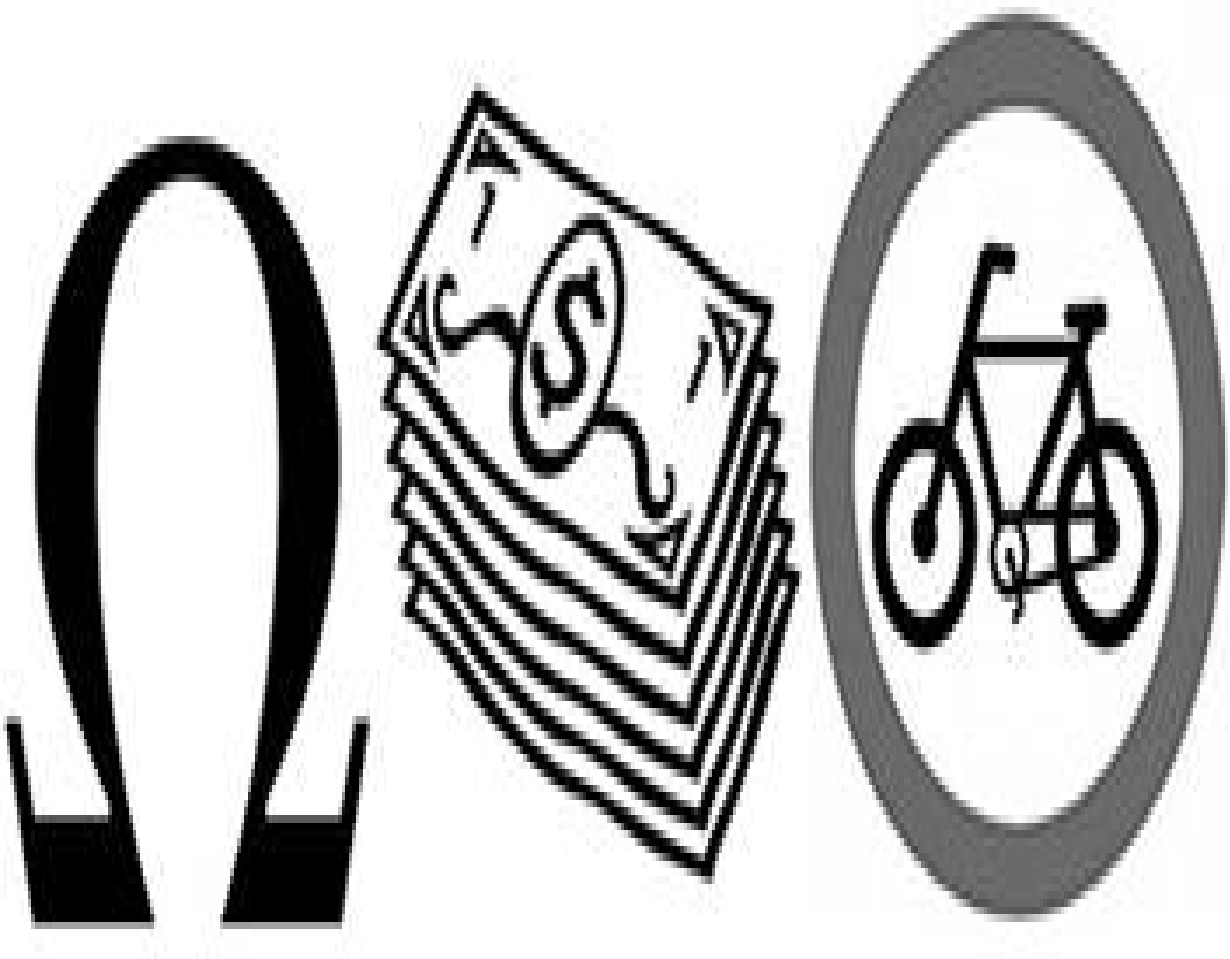
O sentido da vida é o que impulsiona homens e mulheres a continuarem mantendo a esperança, enquanto presença viva. Afinal, se homens e mulheres não possuem sentido da vida, eles desistem de lutar por ela. Suas expectativas em relação ao futuro se esvaem e por isso não encontram propósito para continuarem prosseguindo, isto é, vivendo.

No contexto da educação, o ato de decisão, assim como da escolha, pauta-se na forma como cada um dos aprendentes foi educado e isso envolve crenças, comportamentos, valores e tradições, os quais são transmitidos de

geração a geração. É por este motivo que a primeira questão que deve ser tratada neste estudo é sobre o sentido a ser dado ao ensino e à aprendizagem. Esse sentido é que oportunizará a forma como o processo educativo será conduzido por cada educador ou educadora cristã, por isso é fundamental que se conheça a origem dessas palavras.

A palavra ensino vem do latim insignare e significa indicar, assinalar, marcar com um sinal, o que envolve a ação de alguém sobre outra pessoa ou pessoas. E se assim o é, percebe-se que ensinar envolve o relacionamento a ser estabelecido entre os sujeitos. Estes sujeitos podem ser denominados aprendentes. Isso porque, mesmo no ato de ensinar há a presença do aprender. Assim pode-se afirmar que:

Quando a arte de ensinar se torna intencional, apresenta contornos de complexidade pelos contextos que marcam a relação, pelas motivações dos intervenientes, pelos conteúdos propostos, pelos códigos utilizados e pelas concepções que os agentes da interação têm da situação.[1]



O ato de ensinar, também, envolve compromisso, alegria e responsabilidade, visto que provoca mudança de olhar, por isso deve-se ter domínio do que está sendo comunicado. Essa comunicação deve motivar a curiosidade, a reflexão, a dúvida e o confronto, uma vez que se o ensino não desestabilizar o sujeito, não produziu sentido e se não produziu sentido não irá despertar o desejo da aprendizagem.

Ensinar, portanto, pode ser entendido como um ato que transborda na prática da comunicação mergulhada em "experiências intensas e meditada. O transbordamento de uma vida engendrada na observação, na reflexão, numa interpretação original dos acontecimentos".[2]

O ato de ensinar implica, ainda, em compreender que o mesmo não se restringe à mera exposição oral, antes deve considerar o contexto com toda a gama de representações, motivações e percepções dos sujeitos aprendentes, visto que o aprender, então, complementa o ato de ensinar, por isso se pode dizer que só há ensino se ocorre a aprendizagem. Afinal, a aprendizagem é a resposta direta e significativa ao ensino ministrado. Ela se verifica a partir da apropriação dos conceitos ensinados.

Um exemplo disto é o comportamento ensinado sobre certo ou errado que aprendemos na infância, e que continua fazendo parte das nossas atitudes, mesmo quando adultos. São também as primeiras palavras e representações, ou seja, as associações entre palavras, sons e significados. Aprender de fato gera mudança de atitude e visão sobre a realidade.

O Dicionário Internacional de Teologia (2000, p. 624), sobre o ensino diz que o seu alvo "é comunicar o conhecimento e a perícia tendo em vista o desenvolvimento da capacidade do aluno, sem, porém, forçar a sua vontade numa direção específica". Isso indica que a finalidade do ensino tem duas faces relacionais: professor e aluno, assim como duas faces procedimentais: teoria e prática.

O significado de ensino, enquanto uma ação associada a uma atitude ou comportamento, tem sua origem no hebraico, que apresenta dois sentidos: o primeiro limmed (limmad) e significa instruir, exercitar e treinar o aprendente acerca do caminho a ser seguido; e o segundo é hôrah que significa mostrar, fazer notar e informar sobre o que fazer, o que dizer e o como agir. Não é por acaso que o termo ensino envolve questões de boa conduta, que são demonstradas no contexto da educação familiar tão presente no shema de Israel ("Ouve ó Israel" – Dt 6).

Já a palavra aprender vem do latim apreendere é significa segurar com a mão, e isso evidencia que para aprender o sujeito precisa apropriar-se do objeto, a fim de que o objeto torne-se um com o sujeito, pois agora este objeto faz parte da sua vida, como uma ferramenta ou instrumento que possui uma finalidade. E esta finalidade pode ser percebida nas relações que os sujeitos aprendentes tecem sobre a realidade. Afinal, "Toda aprendizagem relevante é no fundo um processo de diálogo com a realidade social e natural ou com a realidade imaginada".[3]



Um exemplo claro disto é quando se aprende a andar de bicicleta, observe que depois das inúmeras tentativas feitas pelo sujeito, vê-se que na ação efetivada está o domínio do sujeito sobre o instrumento. Isso indica que as experiências anteriores foram suprimidas, embora tenham sido essenciais para conquistar o objetivo da aprendizagem: andar de bicicleta.

O ato de aprender algo novo requer um conjunto de ações, habilidades, experiências, saberes e competências frente ao objeto a ser conhecido. Isso evidencia que o instrumento só tem sentido se tiver o sujeito. E se o sujeito deseja pedalar, esta ação só tem sentido com a presença do instrumento. Objetiva-se, então:

Oferecer oportunidades para que os alunos/as comparem ativamente as possibilidades de seus próprios esquemas como instrumentos de análise, de projeção e intervenção na realidade. [...] Além do respeito aos diferentes modos de conhecer, vivenciar e comunicar dos diferentes grupos e indivíduos, exige-se um diagnóstico constante do progresso das atividades e do grau de envolvimento de cada indivíduo nas mesmas, assim como um diagnóstico dos significados e expectativas que se criam como consequência de sua realização. [4]

Outros exemplos de apropriação do objeto são a escrita, a fala, a pintura, o uso dos talheres, o domínio do volante, da bola, dos patins, do símbolo, da imagem, da partitura musical, entre outros. Veja que há necessidade de apropriação de um instrumento para dar sequência a uma ação específica. E esta ação é desenvolvida pelo sujeito, o que requer dele habilidades e competências para manusear o movimento ou a ação que lhe foi ensinada.

A aprendizagem requer que o sujeito tenha desejo “para” (que indica uma finalidade), a qual pode ser evidenciada pela necessidade de superar desafios e obstáculos ou de responder a uma inquietação ou curiosidade. É uma resposta do sujeito diante de situações em que a motivação é a busca de uma resposta. E é nessa busca que surge a criatividade.

Imagine se você ganhasse uma folha de papel para que pudesse ser transformada na representação de um objeto. Alguns pensariam em fazer um barquinho de papel, outros um chapéu, outros um copo, outros um pássaro ou uma bola de papel. Perceba que diante de um desafio, a nossa imaginação voa longe. Isso é usar a criatividade.

O ato criativo surge da necessidade de encontrar possibilidades para os enfrentamentos vivenciados e que requerem do sujeito capacidades para adaptar, inovar, elaborar, esquematizar, provar, testar, decidir, produzir (dentre outras ações), respostas ao problema enfrentado. É por isso que o processo educativo deve procurar problematizar as situações, pois é no uso da problematização que o ensino e a aprendizagem tornam-se significativos para o sujeito.

Para você, o que é mais empolgante: uma aula apenas transmissiva ou uma aula que mexe com a sua imaginação, que lhe faz pensar, refletir e buscar uma saída? Com certeza, você escolheu a segunda, pois a criatividade está na essência humana. Deus dotou homens e mulheres com esta capacidade tremenda de pensar e transformar a realidade.

A criatividade é uma forma de responder as situações problema que surgem no dia a dia. A criatividade requer a combinação de vários elementos, cor, som, imagem, textura, além de outros. Um exemplo disto são as cozinheiras e os cozinheiros, ou os grandes chefes de cozinha. Eles têm uma habilidade fenomenal para combinar sabores, cores e, ainda, variar o cardápio. Tudo porque eles sabem que o ato de comer requer diversificação e não imposição de um prato dia após dia.

Observe que o desenvolvimento de habilidades requer uma finalidade, e esta deve ser útil, prática, aplicável e integrada a outros saberes. É na

conjunção de saberes que surge o novo, ou seja, uma nova possibilidade frente ao desafio encontrado.



O exemplo dos grandes chefes de cozinha deve ser absorvido por educadores no âmbito da sala de aula. É preciso significar o ensino, apresentar alternativas diferenciadas, buscar caminhos que despertem a curiosidade, a reflexão e a imaginação dos aprendentes. É preciso variar sempre, pois todo dia a mesma coisa torna o ensino enfadonho, sem atração alguma e nada significativo.

Isto indica que, o ensino deve ser conduzido no entendimento de que a aula se apresenta “como momento e espaço privilegiado de encontro e de ações

– não deve ser dada nem assistida, mas construída, feita pela ação conjunta de professores e alunos".

O sentido do ensinar e do aprender, então, pode ser encontrado na palavra significação, pois é ela a mola que impulsiona o processo educativo, por isso não se pode reduzir o ensino e nem a aprendizagem a dois atos mecânicos, que envolvem somente a memorização e a cognição. É preciso trabalhar com o ser humano de uma forma integral e para isso é preciso envolver outras dimensões como: afetiva, biológica, psicomotora, espiritual e social.

É por esse motivo, que a sala de aula enquanto espaço do acontecimento, é compreendido por Sácristan e Pérez Gómez como "uma rede viva de troca, criação e transformação de significados", visto que a interação a ser estabelecida pode ser o canal fomentador que propiciará meios de produção e de construção de novos conhecimentos e sentidos.



Ao se pensar na formação do sujeito aprendente deve-se, então, levar em consideração as suas múltiplas dimensões, por isso que o trabalho educativo deve ser o mais completo e diversificado possível, visto que o ser humano é um complexo de sensações, emoções, razões e espiritualidade.

Pense em suas experiências de ensino, elas não estão carregadas de lembranças, memórias e sentidos? Nestas experiências, não existem fatos positivos como negativos, dos quais serviram como exemplo para que você pudesse fazer ou não fazer o mesmo que seus professores? Isso indica que o trabalho educativo é muito mais que uma transmissão de informação, ele sinaliza para a presença de vida, pois são marcas que se carregam ao longo de uma trajetória.

Como seria bom que o ato educativo pudesse ser pintado como um cenário, em que cada dia uma nova cena ou imagem surgisse! Seria como uma grande tela, em que professores e aprendentes estivessem juntos compondo a imagem a ser formada. Este ato requer relação, cumplicidade e acima de tudo reciprocidade em desvelar o desconhecido.

O ato educativo é puramente humano, por isso não pode ser visto apenas como uma prática transmissiva, em que ocorre um agir do/a educador/a sobre o aprendente. Antes, há a colaboração, o diálogo, o desejo de escutar e de se colocar no lugar do outro. E este desejo deve ser cultivado tanto por parte do/a educador/a quanto do aprendente, pois é nesta interação que se permite a aproximação entre os sujeitos e possibilita que o trabalho educativo possa fluir com a leveza e a beleza necessárias à descoberta do novo.

Com certeza você deve recordar de alguns momentos em que o ensinar foi tão significativo, que a aprendizagem ocorreu de uma forma tão natural e tranquila que lhe surpreendeu, e de repente você pensou: mas é isto, nossa como é fácil! Este é um momento único, porque nele descobrimos coisas novas, podemos até pensar nele como o momento de novas descobertas, o nosso "EUREKA", que significa encontrar o sentido.

Diante disto, pode-se inferir que a condição basilar do ensino é "transformar a informação numa ponte luminosa entre a realidade do aluno e a realidade da cultura, entre o mundo do aluno e o mundo da gramática, entre a vida do aluno e a vida das palavras".

É por esta razão que o processo educativo deve ser desenvolvido de forma significativa, sem cobranças e sem imposições, mas com sentido, pois de fato quando encontramos sentido no que estamos aprendendo, o conceito

ensinado é apropriado com mais facilidade. E é neste processo que expressamos a alegria por aprender.

Imagine, agora, a aplicação deste processo educativo no contexto da educação cristã, com certeza fará uma grande diferença, pois os conceitos ensinados versam sobre princípios eternos a serem expressos na vida, na nossa vida, o que indica que o ensino deve falar da vida e não de conceitos abstratos que não sensibilizam, não tocam e não expressam significados. É neste ponto que encontramos o objetivo do ensino cristão, o qual deve estar centrado em princípios.

Os princípios bíblicos são aplicáveis, ou seja, eles podem ser vivenciados em diferentes situações da vida, o que permite não apenas a compreensão dos mesmos, mas a sua utilização no dia a dia. Isso porque, os princípios além de possuírem base conceitual (são definidos), eles ainda possuem base prática (são concretos). Esta dupla finalidade dos princípios permite que os educadores cristãos planejem suas aulas de forma mais significativa e próxima dos sujeitos aprendentes.

Para entender melhor isto, é apresentado a seguir o exemplo do Mestre dos mestres, que no ato do ensino vislumbrava a necessidade de contemplar a dupla finalidade dos princípios: conceito e prática. Isso porque, Ele sabia muito bem que quando há prática, os conceitos são aplicados, expressando o ato da aprendizagem. Quando não há aplicação do conceito é porque a aprendizagem não se efetivou.

Para ficar mais claro leia esta pequena ilustração:

Teresa foi à autoescola. Fez sua matrícula e iniciou as aulas teóricas. E nesta parte teórica, ela dormia em quase todas as aulas. Não via sentido em ter que compreender o sentido das placas (afinal, elas as via quase todo o tempo nas ruas), e orientações sobre direção defensiva. Teresa estava entediada com tantas teorias.



O dia do teste teórico chegou e Teresa memorizou todos os conceitos. Ela obteve nota para aprovação, e assim deu início a parte prática. Ela estava empolgada, porque finalmente sairia com o carro. Era tudo que ela queria!

No primeiro dia de aula prática, Teresa mal se continha, então, logo após as instruções gerais, ligou o carro e para sua surpresa, ela não sabia o que fazer primeiro. Ela não se entendia com os pedais. Foi quando, lembrou-se

daquele instrutor simulando o processo de direção, mas ela não tinha achado graça nisso, então naquele momento nem deu bola. Agora assustada estava pela primeira vez sem controle.

O instrutor da aula prática percebendo a aflição de Teresa mostra os passos a serem seguidos, e finalmente ela consegue movimentar o carro, porém não entendia nada de sinalização e muito menos de marcha. Mas como podia ser isso! Dirigir não deve ser algo difícil pensava, já havia andando muitas vezes por aquelas ruas, mas elas não pareciam agora a mesma coisa que antes.

O instrutor diz:

– Teresa, você tem um desafio a superar e um longo caminho a seguir. Você precisa sincronizar os movimentos e acompanhar a sinalização, mas para isso você precisa de fato conhecer o que a sinalização diz, e o que o carro está lhe dizendo, ok?

Este exemplo ensina que a teoria ou a apropriação do conceito é tão importante quanto à prática, pois é a teoria que irá fundamentar as ações dos sujeitos aprendentes. Sem a teoria, o caminho a ser perseguido torna-se mais difícil.

É preciso ressaltar, também, que cada educador e cada educadora precisam dominar o conteúdo do seu ensino. Eles, ainda, precisam gostar deste conteúdo, pois a paixão pelo ensino pode ser vista nos seus olhos. A ausência deste brilho pode interferir no processo de aprendizagem.

O aprendente, ainda, não precisa pensar que está fazendo tudo certinho, como se estivesse seguindo um manual de instruções, antes, ele precisa compreender o porquê de se estar fazendo de um jeito e não do outro. E é exatamente neste ponto que surge o papel do educador e da educadora. E qual seria este papel, vamos conferir?

APLICAÇÃO PRÁTICA

Quais valores você tem e que pretende transmitir para as próximas gerações? Qual o sentido a ser dado ao seu ensino? E à sua aprendizagem?

O que você vai fazer para “transbordar” sua vida de observações, reflexões e, principalmente de atitudes práticas?

Capítulo 3

O MESTRE SEM IGUAL

Então Jesus lhes contou esta parábola:

Qual de vocês que, possuindo cem ovelhas, e perdendo uma, não deixa as noventa e nove no campo e vai atrás da ovelha perdida, até encontrá-la? E quando a encontra, coloca-a alegremente sobre os ombros e vai para casa. Ao chegar, reúne seus amigos e vizinhos e diz: "Alegrem-se comigo, pois encontrei minha ovelha perdida". Eu lhes digo que, da mesma forma, haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam arrepender-se.

Lucas 15.3-7

A parábola contada por Jesus sobre a ovelha perdida sinaliza para o valor da vida. Ela lembra que cada vida é importante e por isso vale a pena investir em pessoas, mesmo quando seu valor não é reconhecido pela sociedade.

Jesus, o educador, demonstra que ir ao encontro da ovelha perdida é uma expressão manifesta de compaixão e amor, que produz salvação e restauração. No contexto da educação, esta parábola nos ensina que, enquanto educadores, não devemos abrir mão dos nossos aprendentes, porque eles são valiosos e possuem competências e habilidades que devem ser desenvolvidas, mesmo se por um momento eles estejam perdidos em si mesmos, ou seja, sem objetivos para vida.

No contexto educativo, a ação do educador é um fator essencial para gerar o crescimento de cada aprendente, à medida que constrói pontes entre o conhecimento e a realidade. Afinal, o objetivo do educador é provocar a partir do ensino a aprendizagem que produza significados para vida.

Uma das maneiras de contemplar o ensino e a aprendizagem é perceber como este processo educativo é concretizado na realidade social. Para tal procedimento, faz-se necessário responder a seguinte questão: Quem é o educador cristão? Esta indagação remete à identidade do sujeito envolvido, isto é, fala de alguém de forma específica e direta. Deve-se ressaltar, também, que o processo educativo é concretizado a partir da relação estabelecida entre dois sujeitos: aquele que ensina e aquele que aprende.

No contexto da educação cristã vê-se a necessidade premente de delinear o perfil do educador cristão, uma vez que é ele o instrumento para comunicar a boa notícia. Sendo assim, recorre-se à verdade revelada para tal tarefa, a qual nos apresenta o Mestre dos mestres. Aquele que falou e ainda fala direto ao coração e mente de homens e mulheres. Jesus – o Mestre sem igual!

Afinal, "Jesus era o Mestre de quinta-essência. Ele fornece o padrão de ensino, o exemplo de perfeição da Pedagogia. Ele era a autoridade e o protótipo máximos do ensino, ainda que nunca tivesse discutido o assunto".[5]

Como características essenciais de Jesus no ato de ensinar podem-se destacar: autoridade, paciência, amorosidade, firmeza, disciplina,

entusiasmo, confronto, praticidade, conhecimento, dependência e senso de missão. Características que devem ser encontradas na prática daqueles que se dedicam à arte do ensino.

Neste sentido, busca-se apresentar o papel do educador cristão, partindo do exemplo de Jesus, o maior educador que já existiu na história. Isso porque, "no sentido mais profundo Jesus foi um mestre vindo da parte de Deus. Muitos elementos contribuíram para prepará-lo eficientemente para o magistério".[6]

No Evangelho de João, encontramos este comissionamento, quando o próprio Jesus declara: "O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou. Se alguém quiser fazer a vontade dele conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo" (Jo 7.16,17).

Diante deste comissionamento, faz-se necessário compreender sobre o papel exercido por Jesus no processo ensino e aprendizagem, no tocante às práticas educativas das quais lança mão, bem como da concepção de ensino adotada, a fim de oportunizar a aprendizagem a ser verificada na vida de cada um dos aprendentes. Isso ocorreu porque "Jesus viu no ensino a gloriosa oportunidade de formar os ideais, as atitudes e a conduta do povo em geral".[7]

Jesus em sua prática educativa demonstrou grande interesse pelas pessoas, sendo elas o alvo do seu ensino, por isso seu objetivo era falar diretamente aos seus corações, a fim de que pudessem ser alcançados e transformados pelas mensagens compartilhadas. A partir disso, Champlin destaca cinco habilidades[8] presentes na prática educativa de Jesus, a saber:

1. Uma visão global, que envolva toda a humanidade;

2. O conhecimento profundo sobre o coração humano;

3. O total domínio da matéria a ser ensinada;

4. A aptidão para ensinar;

5. Uma vida diária que corresponda fielmente ao ensino.

Esta constatação permite deduzir que um Mestre como Jesus nunca houve ou haverá na história, por isso mesmo seguir os seus passos torna-se um desafio-meta para todo aquele que se dedica à área do ensino e da aprendizagem.



O ato educativo de Jesus está explícito na verdade revelada, quando ele mesmo afirma no Evangelho de João 8.28b que: “então sabereis que EU SOU e que nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou”. Isso evidencia que a prática de ensino estava fundamentada numa missão a ser cumprida por Jesus, a qual ele exerceu com excelência, por isso que “percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas e pregando o evangelho do reino” (Mt 4.23a).

Esta prática de ensino de Jesus estava associada a princípios, os quais revelavam sobre Deus, o reino e o propósito maior da vida. Esses princípios ao serem apropriados pelos sujeitos aprendentes, possibilitavam um novo olhar sobre a realidade, à medida que atribuíam novos significados ao pensar, agir, sentir e conhecer daqueles que eram

alcançados pelo ensino. Esses novos significados, ainda, tornavam-se a forma como homens e mulheres conduziriam suas vidas e experiências, em prol de uma missão: fazer a vontade de Deus.

Afinal, aquele que ouve o ensino de Jesus e o pratica compreendeu a mensagem transmitida e por isso pode experimentar andar em novidade de vida. Não é por acaso que, no ensino de Jesus, as ações de ouvir e obedecer caminham juntas, pois não adianta nada a ação de ouvir sem colocar em prática o que foi ensinado.

Para ver como isto de fato era enfatizado por Jesus, faz-se necessário recordar algumas passagens em que estas ações eram solicitadas. Lembre-se da sua fala em passagens como a parábola do semeador (Mt 13.1-23); o relato de conversão dos samaritanos (Jo 4.39-42); os dois fundamentos (Mt 7.24-27); a mulher cananeia (Mt 15.21-28). Nelas é explícita a relação entre conhecer e praticar.

A interação entre teoria e prática indica que no processo educativo faz-se necessário estabelecer pontes entre o conceito e a concretização deste na vida. O que reserva um princípio valioso: viver o que se defende como princípio. Nisso reside a beleza da teoria que se faz prática.

A ênfase do ensino de Jesus não estava em reproduzir ou doutrinar pela massificação, mas em oportunizar a transformação de mentalidades – engessadas pela religiosidade e pelos rituais estabelecidos –, a partir do confronto com a verdade, visto ser ele mesmo "a encarnação viva da verdade. [...] Ele foi cem por cento aquilo que ensinou. Fosse qual fosse o assunto, ele o encarnava e ensinava com transbordamento de toda a sua vida".[9]

De fato, Jesus viveu o que ensinou. Seu ensino era autêntico e provido de autoridade, por isso produzia forte impacto na vida daqueles que ouviam suas mensagens, conduzindo-as a tomada de um posicionamento frente aos desafios e às questões apresentadas. Afinal, pode-se dizer que:

[...] toda a obra de Jesus estava envolta em uma atmosfera didática, e não tanto num ar de preleções ardentes, pois observamos que os ouvintes se sentiam à vontade para lhe fazer perguntas, e ele, por sua vez, lhes propunha questões e problemas.[10]

O ensino de Jesus não apenas impactava, mas produzia em seus ouvintes uma necessidade de conhecer mais. Esta necessidade é que pode ser chamada de significação. A significação é gerada quando desperta o interesse do aprendente sobre o conteúdo do ensino, pois é neste ato que ocorre o desejo da aprendizagem, pois de fato há sentido deste ensino para a vida.

Jesus não apenas falava com as pessoas, mas às pessoas. Isso tornava o diferencial de sua prática educativa, visto que produzia significação e sentido na vida dos aprendentes. Nisso reside o método de ensino empregado e que era e continua sendo eficiente no contexto do ensino e da aprendizagem.

Tudo quanto Jesus disse ou fez era parte integrante de sua missão. Apesar disso, as técnicas por ele usadas. Como o Grande Mestre que ele foi, até hoje são o mais excelente modelo a ser seguido por aqueles que querem aprender a ensinar. A didática de Jesus era perfeita.[11]

Diante disto, cabe agora conhecer o método e as técnicas empregadas por Jesus, pois com certeza ao ter conhecimento deles o processo educativo a ser desenvolvido atingirá sua eficiência. Vamos a eles?

APLICAÇÃO PRÁTICA

As características do ensino de Jesus são autoridade, paciência, amorosidade, firmeza, disciplina, entusiasmo, confronto, praticidade, conhecimento, dependência e senso de missão. Você tem demonstrado essas caraterísticas em seu dia a dia como professor? O que pode fazer para aplicá-las?

Capítulo 4

O MÉTODO DE ENSINO

Outra parábola lhes propôs, dizendo: O Reino dos céus é semelhante ao grão de mostarda que o homem, pegando nele, semeou no seu campo;

O qual é, realmente, a menor de todas as sementes; mas, crescendo, é a maior das plantas, e faz-se uma árvore, de sorte que vêm as aves do céu, e se aninham nos seus ramos.

Outra parábola lhes disse: O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado.

Tudo isto disse Jesus, por parábolas à multidão, e nada lhes falava sem parábolas.

Mateus 13.31-34

Jesus no processo de contação de histórias trazia sempre elementos novos para ensinar sobre o sentido do reino dos céus. É interessante notar que, para cada ocasião, Jesus se utilizava de um método diferenciado de ensino. Isso acontecia porque ele conhecia as mentes e os corações dos seus ouvintes.

A partir do exemplo de Jesus, é possível aprender que o ato educativo requer uma combinação de recursos e metodologias, as quais estão presentes em um método de ensino. Este método delineará o processo educativo a ser desenvolvido pelo educador no contexto da prática pedagógica.

A palavra método vem do grego methodos e indica o caminho a ser seguido com o objetivo de atingir um fim. A definição do método é muito importante, pois ele indicará a forma como o ensino será ministrado por educadores e educadoras. Isso indica que, o método elege as estratégias de ensino a serem aplicadas no contexto da aula e estas estratégias tanto podem ser conservadoras como inovadoras, isto irá depender do caminho adotado.



No ministério de Jesus observa-se que o método utilizado por ele era o da exposição dialogada. Por meio do diálogo, Jesus lançava mão de situações problema, a fim de conduzir as pessoas (aprendentes) à reflexão. Jesus não oferecia respostas diretas, antes produzia novas perguntas, pois o seu objetivo era que os aprendentes encontrassem suas próprias respostas. Respostas estas que os conduziam a uma vida pautada nos princípios eternos.

Na realidade, as técnicas usadas por Jesus eram, na sua maioria, muito simples. Uma delas foi simplesmente a de chamar a atenção de seus ouvintes. Isto ele conseguiu de várias maneiras: iniciando uma conversa (Jo 4.7-9); chamando as pessoas por seu nome (Jo 1.42); e empregando palavras que chamavam a atenção do ouvinte.[12]

Jesus, ainda, em seu ministério desenvolveu uma metodologia própria de ensino, a qual permitia que seus ouvintes, aprendentes, pudessem confrontar a realidade e a si mesmos, na medida em que refletiam, discutiam, perguntavam, emitiam opiniões, expunham suas dúvidas e entendiam que precisavam da ajuda do Mestre para compreenderem o sentido das palavras que eram transmitidas e ensinadas. Afinal, no ensino de Jesus e nas suas atitudes percebe-se que:

O ensino de Jesus é grande somente se o conteúdo do Seu ensinamento se conforma com a realidade. Um mestre criativo que ensina falsidade não é um grande mestre [...]. Mas um grande mestre que traz perspectivas genuínas acerca da realidade – ah, há sementeira para o verdadeiro ensino! Há o ensino de Y'shua! Ele une realisticamente o saber o fazer (Mt 5.36; 7.24-27). Saber e não fazer é não saber coisa alguma. Para Jesus, toda a aprendizagem se relaciona com o fazer a vontade de Deus (Jo 7.15-17) e reforçamos o saber pelo processo do fazer.[13]

Jesus conhecia seus ouvintes, como também suas necessidades e expectativas, pois o método usado atingia os objetivos alcançados. Ele tanto conhecia os sujeitos aprendentes, que tocava profundamente em seus corações. É por isso que as pessoas se maravilham do Seu ensino. Afinal,

Atingir o âmago de um aluno requer contato com o indivíduo em sua inteireza, como ele pensa, sente e deseja. Esta é a razão de Jesus ter tão frequentemente compartilhado Suas próprias emoções de compaixão, julgamento, amor, ódio, alegria, tristeza, gratidão, simpatia. Tudo isso exercia ação sedutora sobre um mundo faminto e ferido. Ele era pertinente como ninguém.[14]

O método da problematização aplicado por Jesus possibilitava ao ouvinte a investigação, o confronto entre as ideias e a reformulação de conceitos, que de certa forma permitia ao sujeito aprendente a reelaboração do seu conhecimento, quando tentava aplicar os princípios em situações cotidianas em que estava envolvido.

Quando Jesus e seus discípulos chegaram a Cafarnaum, os coletores do imposto de duas dracmas vieram a Pedro e perguntaram: – O mestre de vocês não paga imposto no templo? – Sim, paga, respondeu ele. Quando Pedro entrou na casa, Jesus foi o primeiro a falar, perguntando-lhe: – O que você acha Simão? De quem os reis da terra cobram tributos e impostos: de seus próprios filhos ou dos outros? – Dos outros, respondeu Pedro. Disse-lhe Jesus: Então os filhos estão isentos. Mas, para não escandalizá-los, vá ao mar e jogue o anzol, abra-lhe a boca, e você encontrará uma moeda de quatro dracmas. Pegue-a e entregue-a a eles, para pagar o meu imposto e o seu (Mateus 17.24-27).

Com isto, aprendemos com Jesus uma questão que é tão colocada pelas teorias de ensino e de aprendizagem: o professor-educador precisa conhecer os sujeitos aprendentes para trabalhar com o conhecimento prévio que eles trazem e a partir disto, superar e formular novos conceitos, ao colocar problemas e questões para serem refletidas e analisadas em busca de respostas.

Ao tomar como ponto de partida o exemplo de Jesus torna-se mais fácil traçar o perfil do educador, bem como definir seu papel como agente problematizador do processo de ensino e aprendizagem. Nele, se podem encontrar as reais características essenciais ao exercício do bom educador. Destaca-se: autenticidade, veracidade, humildade, paciência, autoridade, disciplina, criatividade, inovação, idoneidade, amor, alegria, capacidade de ouvir com atenção e compaixão. Jesus tinha bem claro e definido o senso de sua missão.

Jesus ia passando por todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando as boas novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças. Ao ver as multidões, teve compaixão delas, porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor". Então disse aos seus discípulos: – A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Peçam, pois, ao Senhor da colheita que envie trabalhadores para sua colheita (Mateus 9.35-38 – NVI).

Jesus respondeu: – Vamos para outro lugar, para os povoados vizinhos, para que também lá eu pregue. Foi para isso que eu vim (Marcos 1.38).

Na missão a ser concretizada por Jesus podiam-se distinguir algumas especificidades da forma como se efetivaria o desenvolvimento do trabalho que lhe foi confiado, como: contextualização, significado, flexibilidade, criatividade, percepção das necessidades, prioridades determinadas, tempo e duração delimitada e oportunidades aproveitadas no processo educativo.

A contextualização era usada com a finalidade de situar os aprendentes em relação ao ensino. Jesus sempre partia de situações familiares. Estas situações familiares imprimiam significado à mensagem transmitida, isto é, o conteúdo do ensino. Isso ocorria, porque o "seu coração pulsava pelos indivíduos como também pelas ideias; pelo povo como também pelas tarefas; pela mudança, não somente pelos conceitos".

A flexibilidade do ensino de Jesus pode ser identificada nos diferentes meios que utilizava para a transmissão e tratamento do conteúdo. A flexibilidade torna-se um caminho para adoção da criatividade, pois para

diversificar a forma é preciso pensar em alternativas. A criatividade inova a ação do ensino.

O conjunto destas ações resultava na missão a ser desenvolvida pelos sujeitos aprendentes – alvos diretos do seu grande amor. Essa missão estabelecia metas e objetivos bem definidos, o que facilitava a compreensão e apreensão do princípio contido na missão.

Não se pode, ainda, esquecer de que Jesus ministrava a partir da percepção das necessidades encontradas, por isso estabelecida prioridades no ensino, a fim de que o objetivo definido pudesse ser alcançado. Pode-se afirmar que "as palavras e os atos de Jesus sempre exibiram uma notável estratégia, cujo desígnio era atingir os propósitos para os quais ele veio a este mundo".[15]

O tempo e a duração do seu ensino estavam associados à mensagem a ser compartilhada, por isso é possível encontrar nas narrativas bíblicas alguns temas que são mais recorrentes que outros. Afinal, Jesus não desperdiçava as oportunidades. De uma simples pergunta ou situação surgia uma chance única para levar a mensagem sobre Deus e o seu reino.

Descrever o papel do educador no contexto do ensino cristão não é uma tarefa fácil, porém ao olhar para a forma como Jesus ministrava pode-se identificar mais claramente que o seu trabalho educativo ultrapassava a esfera da simples transmissão oral. Seu objetivo era mediar o conhecimento das verdades eternas, de forma significativa e reflexiva, a ponto de causar impacto e desejo de mudança nos sujeitos aprendentes.

Mais que apenas a transmissão do conteúdo como verdade revelada, Jesus compartilhou sua própria vida com os discípulos como Verbo Encarnado. Esse compartilhar de vida resulta em vida para aqueles que respondem, pela fé, à revelação de Deus.[16]

Assim, a mudança esperada era em relação à atitude e à postura a serem refletidas diante da vida, com base nos princípios, porém isso não era uma ação mecânica e, também, não se limitava à manifestação de um desejo, antes era necessário tornar este princípio uma referência consciente para a efetiva ação. Isto implica em decisão que produz uma prática transformadora.

Jesus entrou em Jericó, e atravessava a cidade. Havia ali um homem rico chamado Zaqueu, chefe dos publicanos. Ele queria ver Jesus, mas, sendo de pequena estatura não o conseguia, por causa da multidão. Assim correu adiante e subiu numa figueira brava para vê-lo, pois Jesus ia passar por ali. Quando Jesus chegou àquele lugar, olhou para cima e lhe disse: – Zaqueu desça depressa. Quero ficar em sua casa hoje. Então ele desceu rapidamente e o recebeu com alegria. Todo o povo viu isso e começou a se queixar: – Ele se hospedou na casa de um pecador. Mas Zaqueu levantou-se e disse ao Senhor: – Olha, Senhor! Estou dando a metade dos meus bens aos pobres; e se de alguém extorqui alguma coisa, devolverei quatro vezes mais. Jesus lhes disse: – Hoje houve salvação nesta casa! Porque este homem também é filho de Abraão. Pois o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido (Lucas 19.1-10 -NVI).

No texto acima, cabe, ainda, ressaltar o papel do Espírito Santo que atua na ação volitiva do homem ao fazer despertar a necessidade de mudança que gera transformação, a partir da motivação e do desejo de conhecer a verdade. Para isto, o ser humano descentraliza-se e experimenta a nova realidade com base na fé que vivifica e restaura.

O texto ainda ensina que o desejo de aprender surge quando o aprendente compreende o significado do ensino e do seu alcance na vida, por este motivo que o educador deve investir na significação e na aplicação prática do ensino. Afinal, teoria e prática devem caminhar juntas no desenvolvimento de novas aprendizagens. É isto que resultará numa ação e prática educativas.

APLICAÇÃO PRÁTICA

Reflita sobre o que você aprendeu a respeito de flexibilidade, percepção das necessidades, prioridades, tempo e duração de seu ensino. Agora, encontre maneiras de aperfeiçoar sua maneira de ensinar e aprender. Creia: seu processo obterá resultados muito mais significativos.

Capítulo 5

AÇÃO E PRÁTICA EDUCATIVAS

Também o reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem achou e escondeu; e na sua alegria, vai, vende tudo quanto tem, e compra aquele campo.

Outrossim o reino dos céus é semelhante ao homem, negociante, que busca boas pérolas; e encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo quanto tinha, e comprou-a.

Igualmente o reino dos céus é semelhante a uma rede lançada ao mar, e que apanha toda qualidade de peixes. E estando cheia, os pescadores a puxam para a praia; e assentando-se, apanham para os cestos os bons; os ruins, porém, lançam fora.

Assim será no fim do mundo: os anjos virão, e separarão os maus dentre os justos. E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes.

E disse-lhes Jesus: Entendestes todas essas coisas? Disseram-lhe eles: Sim, Senhor.

E ele disse-lhes: Por isso, todo escriba instruído acercado reino dos céus é semelhante a um pai de família, que tira dos seus tesouros coisas novas e velhas.

Mateus 13.44-52

Nesta seleção de parábolas sobre o reino, observa-se que Jesus se utiliza de figuras da linguagem que eram bem familiares das pessoas que escutavam seu ensino. Isso revela que a ação educativa de Jesus estava centrada na prática do cotidiano. Isso porque ao usar expressões conhecidas, o ensino de Jesus tornava-se próximo das pessoas. E era isso que trazia admiração e aprendizagem, porque exemplos simples revelavam verdades profundas.

O exemplo de Jesus demonstra que o modo como cada educador ministra o ensino, deve ser pensado e planejado, visto que a ideia é possibilitar a aprendizagem, a qual deve trazer significação para a vida dos aprendentes. E é nisso que se constitui a ação e a prática educativas.

A ação e a prática educativas referem-se à forma como os educadores e as educadoras conduzem seu trabalho educativo, ou seja, o modo como planejam e ministram suas aulas. É por intermédio da ação e da prática educativa que é possível perceber como os aprendentes refletem, significam, posicionam-se e produzem seu conhecimento sobre as temáticas desenvolvidas.

Uma das características mais notáveis do ensino de Jesus jaz na autoridade com que Ele ensinou. Ele nunca falou de maneira experimental, tímida ou apologética. Ele conhecia Sua mensagem e nunca hesitou em declará-la. É isso que tanto impressionava as pessoas.[17]

Jesus ao ensinar teve cuidado em demonstrar verdades que fossem significativas para a vida. Verdades que podiam ser aplicadas nas experiências de cada um dos seus ouvintes. O ensino tinha um objetivo claro: a formação de verdadeiros discípulos. Este objetivo desafiava os seus interlocutores a tomada de posição. A uma escolha que poderia resultar em transformação.

Seu método era o mais empolgante, criativo, envolvente de todos, pois ensinava por meio de histórias, de experiências de vida, de exemplos vivos, de prática constante. No seu ensino podia-se realmente observar a interrelação entre teoria e prática, de tal forma que as pessoas eram alcançadas e incentivadas a refletir sobre algo que inquietava os seus corações.

Note os resultados do ensino de Jesus: espanto, medo, silêncio, crença e oposição violenta, mas nunca indiferença ou neutralidade. Vidas foram transformadas, porque seu objetivo de ensino não fornecia apenas informação, mas transformação.[18]

As regras estabelecidas eram bem definidas no ato de ensinar, pois o objetivo maior era a formação do sujeito aprendente em sua totalidade, isto é, em todos os seus sentidos: cognitivo, volitivo, emotivo, espiritual e físico.

Se olharmos o exemplo de Jesus, veremos que todos os recursos à sua volta tornavam-se o motivo para explicações e ensino. Na verdade revelada lemos sobre o Ministério de Jesus, o qual foi desenvolvido de uma forma sui generis, visto que ele se utilizava de alegorias que traziam à tona a explicação sobre os códigos a serem decodificados. A forma e o tratamento dados aos códigos traduzia o desejo do Mestre em fazer com que a verdade

revelada fosse conhecida, que o véu fosse tirado para que eles pudessem ver o que não enxergavam. Este é o ato de abrirem-se os olhos para.

Suas aulas eram espontâneas, vivas e participativas. Todos paravam para escutar a sua doce voz e aprender com o seu ensino, de tal sorte que não apenas falava para um público, mas falava deles, com eles e para eles, sem, contudo, perder a sua autoridade de Mestre e Senhor.

Eles foram para Cafarnaum e, logo que chegou o sábado, Jesus entrou na sinagoga começou a ensinar. Todos ficavam maravilhados com o seu ensino, porque lhes ensinava como alguém que tem autoridade e não como os mestres da lei. (Marcos 1.21,22 – NVI)

Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus dos mortos, mas dos vivos! Ouvindo isso, a multidão ficou admirada com o seu ensino (Mateus 22.32,33).

Os recursos naturais citados eram bem conhecidos (grãos, sementes, montanhas, água, pérola, árvores, luz, sal, dentre outros), que em suas mãos ganhavam vida, conteúdo e sentido.

O Reino dos céus também é como um negociante que procura pérolas preciosas. (Mateus 13.45 – NVI).

Semelhantemente, toda a árvore boa dá frutos bons, mas a árvore ruim dá frutos ruins (Mateus 7.17 – NVI).

Vocês são o sal da terra. Mas se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens (Mateus 5.13 – NVI).

O esquema estratégico das aulas do Mestre tinha como ponto de partida sempre um desejo movido por uma indagação, isto é uma experiência anterior. Para respondê-la não utilizava as sentenças diretas e pontuais, cujo objetivo é pôr fim às questões. Ao contrário, despertava cada vez mais o interesse dos aprendentes, aguçava-lhes a curiosidade e ainda, a reflexão, pois sempre pairava no ar a seguinte questão: o que ele quer dizer com isto ou, ainda, como isto se aplica. Delineava-se então, o processo de desestruturação das próprias formulações e conceitos aceitos e assumidos como verdades incontestáveis.

Na prática de ensino de Jesus havia espaço para a dúvida (da dúvida nasce o desejo de conhecer os lados das teorias defendidas). A dúvida não era encarada como um empecilho ao aprender, mas como um passo a ser vencido em busca da verdade. Disso resultava no desafio: abrir mão ou não dos direitos, das verdades, das atitudes assumidas, das tradições defendidas. Esta luta interna era percebida e logo eram apresentados a consequência e o resultado, fruto da escolha, que deveria sempre ser própria e individual, a que dava origem ao momento do libertar-se das correntes que aprisionam a alma, a vida.

Este ponto era decisivo, pois demandava uma resposta frente ao problema apresentado, que poderia caminhar para transformação e renovação do aprendente e dar-lhe uma nova perspectiva de vida, propósito e finalidade.

Eis que alguém se aproximou de Jesus e lhe perguntou: – Mestre que farei de bom para ter a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: – Por que você me pergunta sobre o que é bom? Há somente um que é bom. Se você quer entrar na vida, obedeça aos mandamentos. – Quais? Perguntou ele. Jesus respondeu: – Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não darás falso testemunho, honra a teu pai e tua mãe e amarás o teu próximo como a ti mesmo. Disse-lhe o jovem: – A tudo isso tenho obedecido. O que me falta ainda? Jesus respondeu: – Se você quer ser perfeito, vá, venda os seus bens e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro nos céus. Depois, venha e siga-me". Ouvindo isso, o jovem afastou-se triste, porque tinha muitas riquezas (Mateus 19.16-22 – NVI).

Estabelecem, aqui, as sequências didáticas do processo ensino e aprendizagem propostas na prática educativa de Jesus, e que serão apresentadas em forma de um esquema ilustrativo, para logo em seguida serem explicadas. Estas sequências didáticas não assumem a forma de etapas sequenciais, antes a ideia é que elas se complementam e se comuniquem entre si, devido à natureza relacional estabelecida entre elas.

AS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS



Nota-se a ocorrência de uma estruturação de sequências didáticas pertencentes a um processo integrado, o qual será denominado de: "Os quatro Ds": Desejo, Desestruturação, Desafio e Decisão, da prática educativa de Jesus. Afinal, ninguém aprende se não tiver o desejo para aprender, algo para conhecer, desvelar e que seja significativo para sua vida.

O primeiro passo denominado "desejo" indica que o ensino significativo é aquele que aguça a curiosidade, a imaginação e a motivação para o tema a ser desenvolvido.

É por esta razão, que ao iniciar o ensino, você deve utilizar diferentes recursos em cada aula, como: poesia, canção, manchetes de jornal, testemunho, uma situação-problema. A finalidade destes recursos é chamar a atenção dos aprendentes para o assunto, ao mesmo tempo em que os ajudem a refletir sobre o tema.

É no ato da reflexão que surgem as perguntas e o desejo de aprender sobre algo, mesmo que seja um tema já desenvolvido anteriormente, o que muda é a forma como o mesmo será abordado, devido às várias conexões e interpretações que se podem estabelecer com a vida. Essas conexões e interpretações geram diferentes significados, pois são construídos a partir dos olhares que cada aprendente tece sobre a realidade.

O segundo passo "desestruturação" é o ato de desestabilizar os conceitos que foram se formando ao longo de uma trajetória de vida. Alguns destes conceitos são oriundos do senso comum e acabamos aceitando porque foi nos transmitido desta maneira.

O passo da desestruturação requer do educador e da educadora conhecimento aprofundado, pois envolve a definição de termos e princípios bíblicos. Se você não domina o assunto ou não gosta do mesmo, então convide uma pessoa para ministrar em seu lugar.

No ato de ensinar e aprender, é preciso que haja sinceridade, do educador e da educadora, em reconhecer suas potencialidades e limitações, como é preciso suscitar a confiança dos aprendentes sobre o ensino ministrado. Afinal, os aprendentes precisam sentir que este ensino tem fundamento e compromisso com a verdade bíblica.

Para este momento da aula, o educador ou a educadora devem confrontar os conceitos que foram aceitos com aqueles que são sustentados biblicamente. Para fazer isto, ele deve escrever no quadro o que as pessoas dizem sobre o assunto e o que a verdade revelada ensina. Pode ser feito, ainda, um quadro comparativo que vai sendo completado à medida que o ensino é desenvolvido. Lembre-se que Jesus sempre usava deste estratagema.

O terceiro passo "desafio" sinaliza para a necessidade de mudança de mente e comportamento. Ele conduz ao aprendente para pensar sobre os princípios desenvolvidos e como isto implicará em sua vida.

O ensino sempre deve possibilitar transformação de vidas. O ensino que não cumpre com esta finalidade é esvaziado de sentido, ou seja, não provoca reflexão e não toca no coração.

O desafio pode vir em forma de perguntas, de uma situação-problema, – em que cada aprendente deve apontar a forma como reagiria diante do caso apresentado. Pode-se, ainda, utilizar um memorial avaliativo de ação que apresenta a forma de evolução do pensamento de cada aprendente. Esta evolução pode ser expressa nos seguintes momentos de aprendizagem: o que pensava – como penso agora – o que farei sobre isto.

Observe que o memorial avaliativo não busca apenas a descrição de um resultado, antes indica a forma como cada sujeito aprendente se situa diante da nova aprendizagem. O foco dado então é no processo de produção do novo conhecimento, ou seja, das suas descobertas sobre o objeto estudado.

O quarto passo "decisão" pode ser encontrado nos três passos apresentados anteriormente, porque uma decisão não se limita ao ato

conclusivo da aula, antes ela vem sendo desenvolvida em todo o processo educativo. A decisão envolve compreensão e apropriação do conceito, ou seja, ela envolve a aprendizagem.

A aprendizagem é decorrente da mudança de olhar, por isso a tônica da aula sempre deve estar focada nela. Isso demonstra que a aprendizagem ocorre quando de fato há transformação, quando o coração, a mente e o físico são alcançados de forma completa.

O ato da decisão nem sempre pode ser visto, porque ele deve ocorrer de dentro para fora. Muitas vezes observa-se este processo ocorrendo ao longo da vida, porque a decisão não é uma ação mecânica e imediata, ela demanda tempo e maturidade, por isso é sempre bom em todos os momentos da aula demonstrar como uma decisão feita pode impactar a vida das pessoas, tanto de forma positiva como negativa.

As sequências didáticas, aqui, apresentadas visam ajudar no planejamento da sua aula, imprimindo qualidade, estudo dedicado e significado. Esses elementos de fato farão a diferença no contexto da sua sala de aula, o que produzirá frutos que se dispõem ao serviço do Reino, pois de fato há compreensão sobre o sentido maior da nossa vida.

É por essa razão, que não se pode dizer que existe uma terminalidade no ato de aprender, pois a resposta traz nova inquietação e assim sucessivamente, bem como um desafio pode demandar uma desestruturação, como também seu contrário. Nisto reside a beleza da ação e da prática educativas, pois não lida com objetos frios, inertes e amorfos, mas com sujeitos pensantes, intelectivos, dotados da imagem e semelhança do Criador. Este princípio Jesus conhecia muito bem.

A sequência didática estabelecida, então, possibilita tecer os passos de uma proposta metodológica a ser desenvolvida no processo educativo, à medida que lhe confere autenticidade e significado. Significado que traduz nas descobertas que serão realizadas e aplicadas nas situações do dia a dia, isto porque, a condição primeira da aprendizagem está estritamente ligada com a utilidade do conhecimento apreendido. Esta apropriação oportuniza o conflito com o estabelecido e a procura por novas possibilidades práticas do ato de compreender a realidade. Aprender de fato é um ato complexo que se verifica no movimento gerado entre objeto, sujeito e realidade.

Disse Jesus a seus discípulos: – É inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual eles vêm! Melhor fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e fosse atirado no mar, do que fazer tropeçar a um destes pequeninos. Acautelai-vos. Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe. Se, por sete vezes no dia, pecar contra ti e, sete vezes, vier ter contigo, dizendo: – Estou arrependido, perdoa-lhe. Então, disseram os apóstolos ao Senhor: – Aumenta-nos a fé. Respondeu-lhes o Senhor: – Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta amoreira: Arranca-te e transplanta-te no mar; e ela vos obedecerá. Qual de vós, tendo um servo ocupado na lavoura ou em guardar o gado, lhe dirá quando ele voltar do campo: Vem já e põe-te à mesa? E que, antes, não lhe diga: – Prepara-me a ceia, cinge-te e serve-me, enquanto eu como e bebo; depois, comerás tu e beberás? Porventura, terá de agradecer ao servo porque este fez o que lhe havia ordenado? Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: – Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer. (Lc 17.1-10 – ARA)

As interfaces a serem construídas no ato de conhecer indicam a presença do "continuun" e este pode ser percebido nas idas e vindas do processo de apropriação do conhecimento, em que o mesmo provoca uma nova cadeia de conhecimentos e apropriações. Pode-se, ainda, traçar dentro da configuração dada, os elementos norteadores que se encontram em cada passo, a que se pode denominar de níveis de aprendizagem.

APLICAÇÃO PRÁTICA

Como você já constatou pela andragogia de Jesus, a utilização de figuras de linguagem é muito eficiente. O que você pode fazer para usar esse importante recurso em seu dia a dia?

Sugestão: inicie uma “coleção” de textos ricos em figuras de linguagem e ditados populares.

Capítulo 6

NÍVEIS DE APRENDIZAGEM

Jesus respondeu-lhes e disse: – Na verdade, na verdade vos digo que me buscais, não pelos sinais que vistes, mas porque comestes do pão e vos saciastes.

Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; porque a este o Pai, Deus, o selou.

Disseram-lhe, pois: – Que faremos para executarmos as obras de Deus?

Jesus respondeu, e disse-lhes: – A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou.

Disseram-lhe, pois: – Que sinal, pois, fazes tu, para que o vejamos, e creiamos em ti? Que operas tu?

Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: Deu-lhes a comer o pão do céu.

Disse-lhes, pois, Jesus: – Na verdade, na verdade vos digo: Moisés não vos deu o pão do céu; mas meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu.

Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo.

Disseram-lhe, pois: – Senhor, dá-nos sempre desse pão.

E Jesus lhes disse: – Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome, e quem crê em mim nunca terá sede.

João 6.26-35

A prática educativa de Jesus pode ser encontrada nesta narrativa bíblica que explicita sobre o sentido dele ser o pão da vida. Esta revelação, porém é feita a partir de um diálogo travado com os seus discípulos, no sentido de que compreendessem este princípio eterno.

Jesus ao conversar com os seus discípulos mostra que a essência do ato educativo parte de uma prática relacional, que busca partir do conhecimento dos aprendentes e aos poucos progredindo para estágios mais avançados, que envolvem conceitos mais complexos e abstratos.

Esta ação pedagógica manifesta na prática educativa de Jesus sinaliza para a existência de níveis de aprendizagem, os quais devem ser trabalhados e desenvolvidos no contexto do ensino e isso envolve habilidade do educador para possibilitar a transição de um nível para o outro.

Os níveis de aprendizagem sinalizam para a forma como os sujeitos aprendem e se apropriam de conceitos. Observa-se que o ato de aprender não é simples e nem tampouco mecânico, antes envolve processos de significação que devem ser identificados por educadores e educadoras no âmbito do ensino.

Os níveis de aprendizagem ajudam ao educador e a educadora a planejarem suas aulas, a fim de oportunizar o crescimento e o desenvolvimento dos aprendentes frente ao desconhecido. Eles sinalizam para a forma como a aula será desenvolvida e que estratégias devem ser adotadas para que a aprendizagem ocorra de forma significativa.

Neste sentido, pode-se identificar quatro níveis de aprendizagem, os quais são descritos, aqui, no sentido de torná-los não apenas conhecidos, e, sim, alvos diretos da sua prática educativa. Afinal, quando se identifica os níveis de aprendizagem, o educador e a educadora conhecem o seu ponto de partida, traçando então os objetivos a serem perseguidos para que se chegue ao ponto de chegada.

1º Nível: Senso Comum. Este é definido pelos conceitos que são adquiridos culturalmente, que passam de geração a geração e que se afirmam como sustentáculos de valoração de conduta e atitude humana. Por exemplo: os costumes que adquirimos ao longo do desenvolvimento e da formação, os valores que incorporamos como certos, as tradições que embasam a filosofia de vida adotada e seguida, os conceitos que formulamos sobre a existência e origem das coisas. Veja este exemplo:

Então os fariseus e alguns professores da Lei vieram a Jerusalém para falar com Jesus e perguntaram: – Por que é que os seus discípulos não obedecem aos ensinamentos dos antigos? Eles não lavam as mãos antes de comer e desobedecem a nossa tradição. Jesus respondeu: – E por que é que

vocês desobedecem ao mandamento de Deus e seguem os seus próprios ensinamentos? Porque Deus disse: – Respeite ao seu pai e a sua mãe. E disse também: – Que seja morto aquele que falar mal do seu pai ou da sua mãe. Mas vocês ensinam que, se alguém tem alguma coisa que poderia usar para ajudar os seus pais, mas diz: "Eu dediquei isto a Deus", então não precisa respeitar os seus pais. Assim vocês desprezam a mensagem de Deus para seguirem os seus próprios ensinamentos (Mateus 15.1-7).

Neste nível de aprendizagem o conhecimento ainda não é percebido como conhecimento, mas como informação. Um modo bem prático de perceber isto são as regras de comportamento que mantemos em sociedade e que fazemos porque todos fazem. Por exemplo: comemoram-se feriados nacionais, sem, contudo, "conhecer" o porquê de tal comemoração ou festividade. Torna-se prática comum, legitimada pela sociedade. Adota-se uma tradição sem questionar o motivo e se utiliza dela para explicar as nossas atitudes, mas se perguntados, não sabemos dizer o motivo.

O senso comum, portanto, não tem bases sólidas nem fundamentação suficiente para manter-se sozinho como um pilar da aprendizagem, porém é o ponto de partida para as reformulações advindas do desejo de conhecer, o que não retira sua importância no processo de ensino e aprendizagem, antes deve ser tomado como um nível necessário para a apropriação do conhecimento.

Veja que nos ensinos de Jesus havia sempre um conceito interiorizado pelo homem e é nele que o Mestre partia para a interpelação de seus ouvintes. Muitas vezes estes conceitos eram provenientes do "achismo" dos sujeitos e não do conhecimento da verdade, da única verdade.

2º Nível: Apropriação dos Códigos. Neste nível de aprendizagem ocorre o processo de decodificação dos códigos utilizados e sua aplicação direta em

situações que dão origem a novas descobertas. Os códigos também são compostos culturalmente e por isto, seu significado e abrangência ganham sentido num contexto específico e não generalizado, o que sem dúvida traz a ideia de que os códigos são perceptíveis nos locais e relacionamentos sociais em que os mesmos foram construídos e legitimados.

Isso indica que é no ato da convivência é que os códigos ganham sentido, isso porque, "conviver implica escutar o outro e ouvir o seu discurso, seus argumentos; isso exige não ser obsessivo em relação às próprias afirmações".[19]

Sendo assim, esta apropriação carrega linguagens que são próprias de uma comunidade histórica e ao decifrá-las o entendimento, a tradução, torna-se conhecido e passível de aplicação em outros contextos históricos. Este é o caso das explicações dadas por Jesus às comparações que lançou mão para ensinar princípios basilares aos seus ouvintes.

Todas estas coisas falou Jesus para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: Abrirei em parábolas a minha boca; publicarei coisas ocultas desde a fundação do mundo (Mateus 13.34-35).

Na passagem acima se constata que a finalidade das comparações era ensinar e tornar conhecido o desconhecido. As inquietações e perguntas que se mantinham acerca da existência e da essência humana eram decifráveis à luz de figuras simbólicas, que na verdade faziam parte do contexto de vida de seus ouvintes.

Sendo assim, as figuras utilizadas por Jesus eram familiares do seu público. Elas estavam presentes na história cotidiana dos sujeitos aprendentes.

Assim, as comparações constituíam, no primeiro momento, de códigos que continham nas entrelinhas a mensagem que respondia aos porquês da vida.

Os códigos apresentam estrutura própria e por esta razão, eles são bem específicos quanto: ao objeto, ao sujeito e à realidade circundante, o que descarta interpretações evasivas e errôneas quanto ao ato do conhecer e aprender, não dá margem para os senões. Eles dizem de si mesmos e dão provas de autenticidade frente à verdade a ser desvelada. Este nível é encontrado na parábola do bom samaritano, no semeador e nas comparações acerca do reino dos céus.

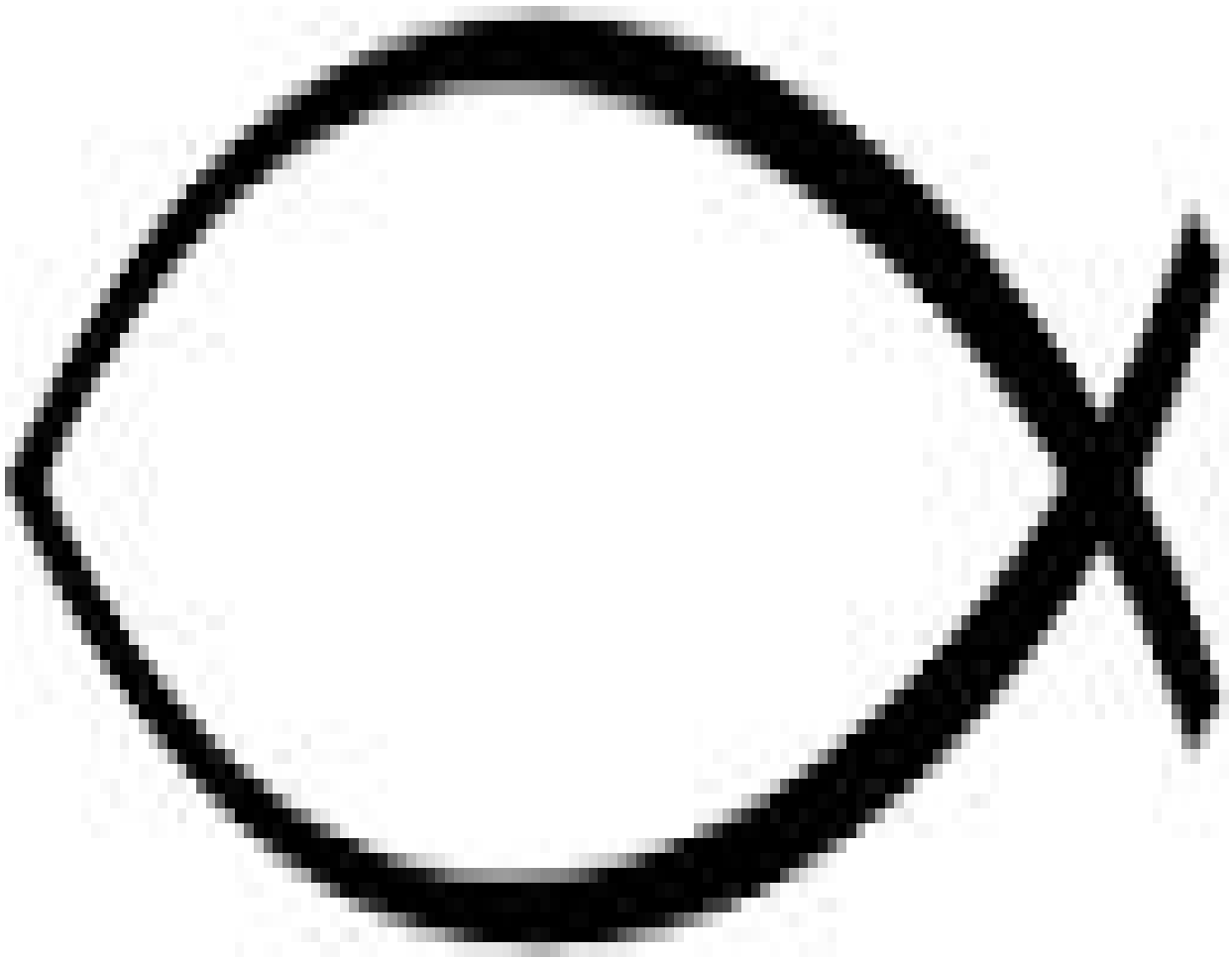
Ao transferir este nível para o nosso dia a dia, eles serão perceptíveis nas marcas, nos sinais, na composição da escrita, da leitura, na sequência numérica, nas imagens pictográficas e que hoje estão bem presentes no universo virtual. São códigos que carregam significados e ganham novos sentidos, à medida que o conhecimento alcança espaços dantes não conhecidos. Eles retratam a realidade de forma objetiva e ao apropriarmos deles nos apropriamos da própria realidade, tal como se nos apresenta.

Olhe ao seu redor e veja quantas imagens, gestos, linguagens ganham sentidos. São letras, marcas de produtos, carinhas que personificam sentimentos, códigos combinados, como piscar os olhos, sinalizar com os dedos, dar de ombros, dentre outros. Tudo isso ganha significado no contexto em que estão inseridos.

No processo ensino e aprendizagem esta apropriação de códigos torna-se verificável, à medida que o educador cristão ao traduzir as mensagens bíblicas identifica sinais que se relacionam diretamente com a fé abraçada. São princípios valorativos da conduta e da ética cristã, que logo são apreendidos por seus alunos. Por exemplo: o significado do tabernáculo, do sacrifício de Jesus, da ceia, do batismo, da salvação, da vida eterna, o ser

discípulo, os ingredientes do cristão (sal e luz), o fruto do espírito, os dons, o corpo de Cristo, a mensagem do evangelho, dentre outros. Logo, pode-se concluir que a apropriação dos códigos é na verdade o que nos identifica como seguidores ou não do Senhor Jesus.

Na história da Igreja Primitiva, o sinal identificador era a figura de um peixe e somente aqueles que compreendiam a relevância e o valor deste sinal se apropriavam desse código. Era um sinal comunicador da fé abraçada e da sua história como seguidor de Jesus. E hoje, qual seria o nosso código? Será que você consegue pensar em algo que nos identifica como seguidores do Mestre? Ou será que nós apenas somos os decifradores dos códigos construídos? Qual a importância de hoje se ter ou não um código identificador?





3º Nível: Criticidade (quanto ao aprendizado, à posição assumida e à necessidade de mudança). Este nível de aprendizagem requer amadurecimento do aprendente em relação à fé abraçada. Não é apenas o caso de aprender, mas de apreender, pois só há o último quando ocorre a reflexão e necessidade de construir novas possibilidades que serão aplicáveis às situações do dia a dia.

O sujeito aprendente não se conforma em somente saber os porquês, mas como estes podem ser operacionalizados nos diferentes âmbitos de vida, é preciso, aqui, unir teoria com a prática. E isso quer dizer que o ensino precisa fazer sentido para que de fato possa acontecer a aprendizagem.

Esta operacionalização do ensino, não se restringe à mecânica do fazer, isto é, à aplicação de técnicas para atingir determinado fim, antes traz à tona a necessidade da reflexão que leva a ação e tomada de decisão frente à situação vivenciada.

Para tal, o sujeito aprendente utiliza a seleção, organização, construção e aplicação dos códigos e conceitos aprendidos e correlaciona-os com a realidade vivenciada. Estes passos não se excluem e não são determinantes e determinados, antes atuam como indicadores das ações e encaminhamentos que resultarão numa resposta.

Veja de uma maneira prática como isto se concretiza, a partir do diálogo estabelecido entre Jesus e Pedro em João 21.15-19.

E, depois de terem jantado, disse Jesus a Simão Pedro: – Simão, filho de Jonas, amas-me mais do que estes? E ele respondeu: – Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe: – Apascenta os meus cordeiros. Tornou a dizer-lhe segunda vez: – Simão, filho de Jonas, amas-me? Disse-lhe: –Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe: Apascenta as minhas ovelhas. Disse-lhe terceira vez: – Simão, filho de Jonas, amas-me? Simão entristeceu-se por lhe ter dito terceira vez: Amas-me? E disse-lhe: – Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que eu te amo. Jesus disse-lhe: – Apascenta as minhas ovelhas.

Observe, que mesmo diante de uma mesma pergunta, há indícios de três respostas diferentes. A primeira resposta foi dada instantaneamente, a segunda com certa ponderação e a terceira com reflexão.

Uma mesma pergunta com entendimentos diferentes por parte de um dos interlocutores, que requeria do sujeito aprendente a apropriação do conhecimento, a sua identificação e o seu compromisso direto com a causa. E este compromisso estava atrelado à real mudança de mentalidade do sujeito, pois dependia quase que exclusivamente da sua submissão ao Mestre Jesus.

Sem dúvida, a criticidade é necessária no desenvolvimento da fé cristã, pois é a partir dela que se pode assumir verdadeiramente a identidade de povo separado e escolhido.

Muitas pessoas atrelam a palavra criticidade um cunho de desvalor, ou seja, vêem na criticidade uma arma negativa que pode contaminar o coração e a mente humana, mas pelo contrário, a criticidade é o ponto auge da aprendizagem, sem a criticidade ocorreria somente a reprodução pela reprodução, a repetição pela repetição, a tradição acima da razão.

Esta era a conduta tipicamente encontrada nos grupos judaizantes à época de Jesus. Observe, que a criticidade é o ponto que torna claro, os "comos" e os "porquês" da ação e da prática cristã. Ela possibilita olhar a realidade e aplicar princípios que de fato são considerados como tradutores do que se acredita. Pela criticidade há o exame pormenorizado das situações e o nascimento da mudança. Não se limita a fazer porque é prática comum e aceita, mas sim, porque existe um valor e ou princípio a ser ensinado e apreendido.

Muitas vezes, falta-nos a criticidade para ponderar as ações que são tomadas em qualquer esfera da vida. Agimos como verdadeiros reprodutores da tradição de "Tomé" – é preciso ver para crer. Isto é, se não for algo palpável, conhecido e familiar às nossas tradições, decidimos pela impotência e não conseguimos vislumbrar novas possibilidades.

O freio neste caso nos impede de apreender o novo, o inesperado e de fato, cruzamos os braços, pois estamos fincados nas tradições, não há espaço para o desequilíbrio, ou fator “surpresa”.

Criticidade requer o rompimento com as tradições e isto não quer dizer rejeição, mas olhar as suas limitações, ao mesmo tempo em que, nos impõe a necessidade de propor alternativas para as situações vivenciadas. É o ato da inovação frente ao desconhecido.

Um exemplo claro disto está no relato bíblico, que envolve a mulher estrangeira e o diálogo que estabelece com Jesus, no livro de João 4.19-29.

Disse-lhe a mulher: – Senhor, vejo que és profeta.

Nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar.

Disse-lhe Jesus: – Mulher, crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai.

Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos judeus.

Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem.

Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.

A mulher disse-lhe: – Eu sei que o Messias (que se chama o Cristo) vem; quando ele vier, nos anunciará tudo.

Jesus disse-lhe: – Eu o sou, eu que falo contigo.

E nisto vieram os seus discípulos, e maravilharam-se de que estivesse falando com uma mulher; todavia nenhum lhe disse: – Que perguntas? ou: – Por que falas com ela?

Deixou, pois, a mulher o seu cântaro, e foi à cidade, e disse àqueles homens: – Vinde, vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Porventura não é este o Cristo?

Tomar a criticidade como marca fundamental do processo educativo é um desafio, visto que requer dos sujeitos a capacidade de pensar sobre uma nova ótica, a fim de encontrar alternativas possíveis que não firam a realidade cristã e que de fato oportunizem diferentes possibilidades de lidar com o inesperado.

Criticidade é a capacidade de ouvir com atenção, não fugir da questão e encontrar respostas coerentes frente à problemática levantada. Eis a relevância então, do método da problematização para desenvolver esta habilidade.

4º Nível: Posicionamento Frente ao Conhecido. Neste nível de aprendizagem, a postura a ser assumida pelo sujeito aprendente revela o que de fato ele acredita, uma vez que por sua atitude pode-se ser identificado o nível de comprometimento que cada aprendente apresenta com a verdade. Não há lugar, aqui, para posicionamentos neutros e muito menos deslizes, pois a apreensão do conhecimento já foi incorporada à vida.

O conhecimento é um instrumento de tomada de decisão, ou seja, as respostas advindas deste conhecimento são resultados diretos da posição que se defende diante de uma situação problema. É neste momento que identificamos a forma como cada aprendente pensa. Seu discurso é revelador das posições e crenças assumidas como verdade.

Não é por acaso, que observamos exemplos na Bíblia, em que Jesus confronta as pessoas para uma decisão frente a escolhas que podem causar impacto, no contexto em que se encontram inseridos. As escolhas demonstram as nossas posições e prioridades.

O posicionamento de cada aprendente demonstra o que ele considera importante, ou seja, que valores sustentam sua vida. E, ainda, expressam os seus ideais e objetivos, assim como a finalidade que move sua existência.

Este nível de aprendizagem requer maturidade e por isso é constituído no conjunto de conhecimentos e experiências. Afinal, para que se gere posicionamentos é preciso estabelecer argumentos que sustentem a defesa de suas ideias. Os argumentos tornam-se os parâmetros, ou seja, as bases de sustentação de seus posicionamentos.

Observe que nos diálogos travados com Jesus, os fariseus muitas vezes emudeciam, pois tinham consciência que seus argumentos eram frágeis diante da verdade evidenciada. Muitas vezes, também, fugiam do confronto, porque sabiam que seriam facilmente vencidos. Seus argumentos não apresentavam consistência ou base sólida.

Aconteceu num sábado que, entrando ele em casa de um dos principais dos fariseus para comer pão, eles o estavam observando. E eis que estava ali diante dele um certo homem hidrópico. E Jesus, tomando a palavra, falou aos doutores da lei, e aos fariseus, dizendo: – É lícito curar no sábado? Eles, porém, calaram-se. E, tomando-o, o curou e despediu.

E respondendo-lhes disse: – Qual será de vós o que, caindo-lhe num poço, em dia de sábado, o jumento ou o boi, o não tire logo? E nada lhe podiam replicar sobre isto (Lucas 14.1-6).

Em outras situações, percebe-se que os argumentos apresentados pelas pessoas geraram uma ação positiva de Jesus. Isso porque, estes mesmos argumentos revelavam os sentimentos das pessoas e ainda, expressavam as suas convicções de forma clara e profunda.

E, partindo Jesus dali, foi para as partes de Tiro e de Sidom. E eis que uma mulher cananéia, que saíra daquelas cercanias, clamou, dizendo: – Senhor,

Filho de Davi, tem misericórdia de mim, que minha filha está miseravelmente endemoninhada. Mas ele não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, chegando ao pé dele, rogaram-lhe, dizendo: – Despede-a, que vem gritando atrás de nós. E ele, respondendo, disse: – Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel. Então chegou ela, e adorou-o, dizendo: – Senhor, socorre-me! Ele, porém, respondendo, disse: – Não é bom pegar no pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos. E ela disse: – Sim, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores. Então respondeu Jesus, e disse-lhe: – Ó mulher, grande é a tua fé! Seja isso feito para contigo como tu desejas. E desde aquela hora a sua filha ficou sã (Mateus 15.21-28).

O texto anterior demonstra que a resposta da mulher fez toda a diferença, para que o Senhor Jesus intervisse a favor do pedido efetivado por ela. Ela demonstrou sabedoria e posicionamento firme diante da situação apresentada.

Esta narrativa demonstra que, a forma como cada um de nós se posiciona diante da vida pode trazer tanto a aprovação como a reprovação. Pode, ainda, convencer ou implicar no continuísmo, que ocorre quando apenas reproduzimos uma ideia sem de fato termos refletido sobre a mesma.

A reprodução não gera aprendizagem, isso porque quando repetimos uma informação de fato o fazemos sem fundamento algum. É por isso que diante da informação sempre cabe à pergunta: – como você sabe disto? E se a resposta for àquela tradicional: – eu ouvi ou me contaram. As pessoas começam a duvidar da informação apresentada.

O posicionamento diante do conhecido requer um nível de aprendizagem sólido, capaz de apontar razões que foram sendo construídas pelo ato da

reflexão e observação. Isso implica dedicação e investimento de tempo. Tempo para aprender e buscar novos conhecimentos.

APLICAÇÃO PRÁTICA

As figuras de linguagem usadas por Jesus em seu ensino eram familiares aos seus ouvintes, pois estavam presentes na história cotidiana dos sujeitos aprendentes. Faça uma relação do que lhe é familiar e que pode ser utilizado com a finalidade de aperfeiçoar seu método de ensino.

Capítulo 7

O QUE APRENDEMOS COM OS NÍVEIS DE APRENDIZAGEM?

Ora, havia um homem rico, e vestia-se de púrpura e de linho finíssimo, e vivia todos os dias regalada e esplendidamente.

Havia também um certo mendigo, chamado Lázaro, que jazia cheio de chagas à porta daquele;

E desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; e os próprios cães vinham lamber-lhe as chagas.

E aconteceu que o mendigo morreu, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; e morreu também o rico, e foi sepultado.

E no inferno, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão, e Lázaro no seu seio.

E, clamando, disse: – Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e manda a Lázaro, que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama.

Disse, porém, Abraão: – Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro somente males; e agora este é consolado e tu atormentado.

E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá passar para cá.

E disse ele: – Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de que não venham também para este lugar de tormento.

Disse-lhe Abraão: – Têm Moisés e os profetas; ouçam-nos. E disse ele: – Não, pai Abraão; mas, se algum dentre os mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam.

Porém, Abraão lhe disse: – Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite.

Lucas 16.19-31

Na parábola contada por Jesus sobre a condição de vida do rico e de Lázaro, é possível constatar a presença da forma como cada um dos personagens conduz a sua vida, isto é, com orgulho, humildade, compaixão ou indiferença.

Esta parábola revela que no reino do céu não será levado em conta a condição de vida, mas o que de fato foi feito com esta vida. Afinal, o sentido de ser de homens e mulheres deve estar pautado numa vida de serviço que glorifica a Deus.

É preciso entender que o processo desenvolvido no ato educativo, deve possibilitar que cada aprendente se aproprie da verdade e dos princípios da fé, os quais são essenciais para a compreensão sobre o sentido de ser e estar neste mundo. Ele demonstra, ainda, que o processo da aprendizagem é inerente ao ser humano e que as suas ações são pautadas pela forma como cada sujeito estabelece relações com os conceitos ensinados. Sendo assim, faz-se necessário recorrer aos níveis de aprendizagem, porque são eles que ajudarão o aprendente a desenvolver continuamente o conhecimento, partindo do simples para o complexo e do concreto para o abstrato.

Diante da presença dos níveis de aprendizagem, podemos inferir que muitas vezes centramos nossa prática educativa no primeiro e segundo níveis e esquecemos que ainda existem dois níveis a serem alcançados. Esses dois níveis é que possibilitam o crescimento do sujeito aprendente, pois lhe asseguram as bases que fundamentarão seus posicionamentos frente às situações do dia a dia.

É preciso preparar os sujeitos aprendentes para defenderem a fé, para que não sejam iludidos ou enganados com falsas ideias ou informações. É preciso buscar a excelência do ensino. E a excelência do ensino está em garantir uma base sólida de fundamentos e princípios bíblicos.

Esta constatação reflete, também, na formação do educador e da educadora, que ao ensinar precisam ter clareza sobre os princípios que

sustentam a fé. O educador e a educadora devem estar atentos às ideias ou práticas que contradizem a verdade revelada, a fim de sinalizar os perigos de sua adesão a elas.

Perceba que o ato de ensinar e aprender envolve muita responsabilidade, por isso não deve ser tratado de qualquer maneira. Ele precisa ser planejado, refletido e avaliado constantemente e isso demanda no desejo de cada educador e educadora querer assumir um compromisso.

É no ato de planejar as aulas que cada educador e educadora projetam ideias, desenvolvem sua criatividade e testam diferentes metodologias. Isso porque, nem sempre a metodologia escolhida surtirá os efeitos esperados.

A metodologia do ensino, ou seja, o modo como cada educador e educadora desenvolvem a aula é um passo fundamental, visto que impacta no ritmo da aula, no humor dos aprendentes e na apropriação de conceitos.

Ao se pensar no "como", o educador e a educadora necessitam ter em mente os rostos dos aprendentes. Eles precisam saber que metodologia é mais adequada para aquele contexto, e, ainda, que metodologia pode favorecer o processo da aprendizagem.

A variação da metodologia é uma estratégia positiva, pois permite que a aula seja sempre vista como uma novidade. Esta estratégia surpreende os aprendentes, pois gera expectativa. Bem diferente disso, é quando se adota apenas uma metodologia. As aulas são previsíveis, assim como a postura do educador e da educadora.

Esta situação é retratada quando se pergunta ao aprendente como foi a aula e a resposta é expressa em três palavras: – igual, como sempre. Na resposta já se pode identificar a desmotivação do aprendente. A expressão "como sempre", indica rotina, sem alteração, ou seja, previsibilidade.

Penso que esta preocupação também era considerada por Jesus. Observe como ele muda de lugar, isto é, de cenário. A forma de abordagem é variável, visto que o "modo" como desenvolvia seu ensino partia ou de uma motivação, ou de uma pergunta, ou de um exemplo ou de uma situação do dia a dia.

O certo é que no exemplo de Jesus pode-se vislumbrar o caminho da excelência do ensino e da aprendizagem, pois o ato de ensinar sempre apresentava um ponto, um senão e uma reflexão, que deveria impactar a vida dos seus ouvintes.

Jesus com toda a sabedoria ministrava às mentes e aos corações. Ele sabia desafiar e desestabilizar como ninguém, mas sabia também trazer fundamentos vivos para a vida do aprendente. Ao mesmo que despertava o desejo, Ele, ainda, provocava a reflexão.

Se quisermos investir na prática do ensino de excelência, devemos assumir os princípios revelados por Jesus, quanto a sua ação educativa. Ele de fato estava interessado na aprendizagem, por isso que as perguntas têm o seu lugar, muito mais que as respostas. As perguntas possibilitam a descoberta e a reflexão.

A reflexão é uma ferramenta a ser desenvolvida e utilizada no contexto de ensino. Quanto mais refletimos mais bases argumentativas são incorporadas a nossa forma de agir na sociedade. É assim que surge o espaço da resposta.

Se fosse pedido a você para enumerar o sentido do ensino, o que você destacaria? E ainda, se fosse solicitado para que você apontasse a relevância do ministério de Jesus para o ensino, o que você diria?

Veja bem, o que aprendemos é para ser utilizado na vida, em situações que estão presentes em nosso cotidiano e que requerem uma resposta ou um posicionamento. Não aprendemos para engavetar conhecimento, mas aprendemos para transformar a realidade.

O que você tem aprendido que de fato está fazendo diferença em sua vida e na vida daqueles que estão ao seu redor? Como você se situaria diante dos problemas sociais que enfrentamos? O que é de fato fazer a vontade de Deus?

Estas perguntas assumem uma nova perspectiva quando confrontamos com as bases do ensino apresentadas. Isso porque, nossa resposta vai além de uma opinião ou resposta padrão. Antes, nossa resposta é fundamentada em princípios bíblicos. Ela revela o que pensamos e o que somos. As nossas respostas nos identificam.

Não há como viver a vida cristã sem posicionamentos. O posicionamento indica uma fé madura, ou seja, ele demonstra a presença da aprendizagem,

por isto é tão importante o ato do ensino, a fim de desenvolver os fundamentos e as razões da nossa fé.

Acredito que quando assumimos o ensino como um instrumento para produzir aprendizagem, as nossas práticas são aperfeiçoadas, assim como nosso olhar para aqueles que serão sujeitos deste ensino.

Então, qual é agora o seu olhar? E que espaços ocupam o ensino e aprendizagem no ato educativo? Estas respostas são só suas. Elas lhe pertencem, mas a consequência das respostas influenciará, sobremaneira, a vida daqueles que são alvos de seu ensino, tornando esta a sua responsabilidade e missão.

APLICAÇÃO PRÁTICA

O processo desenvolvido no ato educativo deve possibilitar que cada aprendente se aproprie da verdade e dos princípios da fé, os quais são essenciais para a compreensão sobre o sentido de ser e estar neste mundo. Como você tem desenvolvido seu ato educativo? O que pode ser melhorado?

Muitas vezes centramos nossa prática educativa no primeiro e segundo níveis de aprendizagem e esquecemos que ainda existem mais dois níveis a serem alcançados. Como você pode usar todos os níveis para possibilitar o crescimento do sujeito aprendente? Como assegurar as bases que fundamentarão seus posicionamentos? Encontre sugestões efetivas e as pratique.

Capítulo 8

PALAVRAS CONCLUSIVAS, MAS NÃO FINAIS

Por isso lhes falo por meio de parábolas; porque, vendo, não enxergam; e escutando, não ouvem, muito menos compreendem.

Mateus 13.13

A beleza do ato educativo está na possibilidade de inovar sempre o processo de ensinar e aprender e, isto, se torna mais evidente quando observamos o ministério de Jesus, pois ele não apenas transmitia conceitos, antes marcava de forma significativa a vida daqueles que se mostravam desejosos de ouvir e praticar os ensinos.

O ministério de Jesus é marcado pela riqueza de estratégias de ensino adotadas, mas não é isso que torna seu ministério diferencial e exemplar, antes é a forma como ele conhecia e se importava com os ouvintes, ou seja, os aprendentes. Jesus de fato valorizava as pessoas e o modo como estas pessoas significavam a realidade a sua volta.

No ato de ensinar Jesus buscava dar sentido à vida, por isso ele partia do contexto dos sujeitos aprendentes, pois falar de coisas que entendemos, vivemos e experimentamos nos aproxima do ato de conhecer, pois gera significação. Afinal, aprendemos quando encontramos sentido para o que estamos aprendendo, por isso que o ato de ensinar deve tocar o coração.

A prática educativa é, então, um ato de significação, pois sua ação é voltada diretamente para as pessoas, o que indica que ela deve ser planejada com muito cuidado e responsabilidade, pois um conceito errado pode gerar uma percepção equivocada que trará consequências negativas de grande proporção.

O ato de ensinar deve ser pensado com amorosidade, pois o amor é a chama que move o processo relacional a ser estabelecido entre aquele que ensina e aquele que aprende. É preciso nutrir o relacionamento com confiança, sabedoria, cumplicidade e acima de tudo respeito.

Ao pensar nas aulas deve-se ter em mente o rosto dos aprendentes, a forma como este ensino impactará suas vidas, e, ainda, o sentido a ser produzido em suas mentes e em seus corações, pois o ensino de fato marca as suas vidas. Ao fazer isto, estamos valorizando as pessoas e não o conteúdo a ser transmitido.

É por esta razão que se deve, ainda, pensar em estratégias que produzam significação, pois a aprendizagem só acontece se os significados são apropriados pelos aprendentes, ou seja, quando eles realmente compreendem os conceitos desenvolvidos. Isso indica que o ato de ensino deve suprir as necessidades dos aprendentes.

É por esta razão que o momento do planejar deve ser levado a sério, pois é nele que o educador e a educadora param para refletir sobre o processo educativo, elegendo o método e as estratégias a serem aplicadas no desenvolvimento da aula. O ato de planejar é o momento certo de organização e sistematização do ensino.

Não se pode descartar, ainda, do processo educativo os critérios de avaliação a serem aplicados na aula, pois a avaliação indica o modo como o ensino foi recepcionado pelos aprendentes, ou seja, se ele gerou ou não aprendizagem. A avaliação é o termômetro do educador e da educadora, pois por seu intermédio pode-se repensar o trabalho educativo desenvolvido.

O certo é que o ato de ensinar deve ser reconhecido como um momento único de trabalhar princípios que impactarão ou não a vida, por seu intermédio pode-se contemplar um processo educativo que resulte em transformação ou em mecanização, sendo que o primeiro encanta a vida e o segundo causa apatia e indiferença, por isto, eis a grande responsabilidade que está em suas mãos.

Se cada educador e ou educadora aplicar o método de Jesus, de fato as aulas não serão as mesmas, assim como a formação dos aprendentes também sofrerá mudanças positivas, pois se estará realizando uma missão e não apenas uma tarefa.

O ato de ensinar com certeza traz dentro de si uma missão. Uma missão que transforma e impacta vidas, pois a finalidade é que cada aprendente encontre sentido para o ser e existir neste mundo. E este sentido vem carregado de senso de missão. Há uma missão confiada para cada sujeito aprendente, mas esta missão deve ser identificada para ser vivida plenamente.

Então, agora é com você. O desafio foi lançado, você está disposto a aceitá-lo? Esta é uma decisão pessoal, que Deus mesmo trabalhe em seu coração e confirme sua missão.

Uma coisa é certa, a mudança no ato de ensinar produzirá transformação de vidas e ainda trará consistência a sua forma de desenvolver os princípios eternos, visto que o ensino é a marca presente que se imprime na vida dos aprendentes.

O ensino traduz a vida, à medida que esta é contemplada como objeto, e, conteúdo do trabalho educativo. É a significação da vida que também torna possível despertar o desejo e a curiosidade de aprender. Ao falar da vida há uma conexão real e efetiva com a realidade habitada pelo sujeito, a qual vem imbuída de representações e linguagens a serem interpretadas e constituídas de sentido.

O ensino só faz sentido quando o sujeito se reconhece no processo de uma aprendizagem. Não há como falar em ensino distanciado da significação gerada na prática discursiva. O ensino deve-se apresentar como ato reflexivo no momento de sua concretização, uma vez que sua finalidade educativa sempre deve estar integrada à aprendizagem.

Chegamos ao fim de nossa conversa e espero que tenha ajudado você de alguma maneira a refletir sobre o processo educativo. A intenção é provocar novas perguntas e pensar em novas maneiras de conduzir a sua prática de ensino, por isso que não há como falar de palavras finais, pois cada um pode encontrar a melhor chave para desenvolver a sua ação educativa.

A melhor chave chama-se criatividade e ela é o caminho para a inovação, então use a criatividade para impactar os aprendentes e fazer diferença em suas vidas.

Assim, minha oração é que Deus abençoe ricamente seu ministério e sua prática educativa.

APLICAÇÃO PRÁTICA

O método de Jesus é marcado pela riqueza de estratégias de ensino adotadas. Mas, o que torna seu ministério exemplar é a forma como Ele conhecia e se importava com os ouvintes. Jesus valorizava as pessoas e o modo como estas pessoas significavam a realidade a sua volta.

E você? Qual valor dá às pessoas? Quais estratégias pode adotar para ser um professor ainda mais relevante?

Como pode adotar amorosidade em suas atitudes para mover o processo relacional entre você e seu aprendente?

Referências

ARMSTRONG, Hayward. Bases da Educação Cristã. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

BÍBLIA SAGRADA: Nova Versão Internacional. 10. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

CHAMPLIN, R.N. Enciclopédia de Bíblia: teologia e filosofia. São Paulo: Hagnos, v.2, 2001.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2000.

GANGEL, Kenneth O; HENDRICKS, Howard G. Manual de Ensino para o educador cristão. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

PAZMIÑO, Robert W. Temas Fundamentais da Educação Cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

PERISSÉ, Gabriel. A arte de ensinar. Brasília: Editora UNB, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. Docência no Ensino Superior. São Paulo: Cortez, 2010.

PRICE, J.M. Pedagogia de Jesus: o mestre por excelência. Rio de Janeiro: JUERP, 1980.

ROMÃO, José Eustáquio. Pedagogia Dialógica. São Paulo: Cortez, 2002.

SACRISTÁN, Juan Gimeno; PÈREZ GÓMEZ, A. I. Compreender e transformar o ensino. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TEODORO, Antonio; VASCONCELOS, Maria Lucia (org.) Ensinar e Aprender no Ensino Superior. São Paulo: Mackenzie; Cortez, 2003.

Notas

1 TEODORO e VASCONCELOS, 2003, p.35-36.

2 PERISSÉ, 2012, p. 3-4.

3 SACRISTÁN e PÉREZ GÓMES, 2007, p.97.

4 SÁCRISTAN e PÉREZ GÓMEZ, 2007, p. 87.

5 GANGEL; HENDRICKS, 2000, p. 11.

6 PRICE, 1980, p. 6.

7 PRICE, 1980, p.8

8 CHAMPLIN, 2001, p. 394.

9 PRICE, 1980, p. 7

10 PRICE, 1980, p. 11.

11 CHAMPLIN, 2001, p. 393.

12 ARMSTRONG, 1994, p. 28.

13 GANGEL; HENDRICKS, 2000, p.12-13.

14 GANGEL; HENDRICKS, 2000, p. 19.

15 CHAMPLIN, 2001, p. 394.

16 PAZMIÑO, 2008, p. 26.

17 GANGEL; HENDRICKS, 2000, p. 20.

18 GANGEL; HENDRICKS, 2000, p. 20.

19 ROMÃO, 2002, p.120.